

ILUSTRAÇÃO



3.º ANO
NÚMERO 68

Lisboa, 16 de Outubro de 1928

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
4\$00

I.º SALÃO DO OUTONO DA ELEGANCIA FEMININA E ARTES DECORATIVAS promovido pela grande revista feminina "VOGA" sob o patrocínio da Sociedade Nacional de Belas Artes e nos seus magníficos Salões.

20 DIAS de festas de luxo e elegancia e em que os artigos da especialidade são expostos pelas casas mais categorizadas de Portugal, Espanha e França. — *Reservem-se portanto, para ali fazerem as suas compras para a estação de inverno, no que respeita a*

TOILETTES — Os mais suntuosos e chics modêlos.
CHAPÉUS DE SENHORA — As últimas criações de Paris.

PELES DAS MAIS FINAS E RICAS — Confeccionadas especialmente para este Salão.

CALÇADO DE SENHORA — Os mais belos modêlos das melhores Sapatarias Nacionais.

MALINHAS DE SENHORA — As mais belas, verdadeiras revelações de Arte.

AUTOMÓVEIS — Os mais confortáveis Modêlos de 1929 com os mais modernos aperfeiçoamentos me-

cânicos, encomendados especialmente para este Salão.

PIANOS E AUTO-PIANOS — Verdadeiras maravilhas.

GRAMOFONES — A última palavra em sonoridade e nitidez.

PERFUMARIAS E ARTIGOS DE BELEZA — Das mais afamadas casas Nacionais e Estrangeiras, que apresentarão as últimas criações no género.

FRIVOLIDADES DE PARIS — Imitação de Jóias, Aplicações, etc., etc.

ABRE EM 3 DE NOVEMBRO AO COMERCIO

Marcar um Stand, apresentar a vossa casa no 1.º SALÃO DE OUTONO, é marcar um lugar de Elite entre os vossos concorrentes; a cifra dos vossos negócios aumentará sensivelmente na próxima estação. Poucos Stands restam para marcar.

Todas as informações serão dadas, pelo Director deste Salão, todos os dias na rua Anchieta, 25, das 15 às 18 horas — Telefone C. 1084.

AS PRIMEIRAS CASAS A MARCAR O SEU STAND FORAM:

ALINE primorosos perfumes. (Stand de Roberto Nobre).

PHOTO D'ART HENRI MANUEL, STUDIO G. L. MANUEL FRÈRES, FASHION-PHOTOS, maravilhosos artistas de Paris.

COLUMBIA, gramofones, que apresentarão prodígios no género. (Stand de Martins Barata).

CASA FRANCISCO ANTÓNIO MOREIRA, LTD., cujos papéis pintados e arranjos decorativos causarão entusiasmo.

BASTOS SILVA, LTD. e **PARIS-CHIADO**, os mais afamados criadores de malas de senhora e novidades. (Stand de António Soares).

SASSETTI & C., célebre casa de auto-pianos e auto-pianos. (Stand de Stuart).

WILLYS KNIGHT, os mais belos e os de mais nome entre os automóveis de luxo.

MARIO DE NOVAIS, de Lisboa, fotos de arte de senhoras e crianças.

HIS MASTER'S VOICE, grandes fabricantes, afamadíssimos, de gramofones e discos, com representante no Porto.

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CALÇADO "ELITE", criadora de modêlos formosíssimos de calçado à venda nas melhores sapatarias do país. (Stand de Roberto Santos).

"TATA", um nome que é uma aureola de glória na criação artística de chapéus, negociantes-artistas da rua de S. Nicolau — Lisboa. (Stand de António Soares).

COMPANHIAS REUNIDAS DO GÁS E ELECTRICIDADE, que instalarão uma cozinha a gás, ideal, onde um especialista de

culinária fará demonstrações praticas permanentes. (Stand de Albert Jourdain).

FRIGIDAIRE — Os sensacionalísimos aparelhos de grande luxo para a conservação de doces, alimentos, etc. Representantes Diniz M. Almeida — "Stand" Buick — Lisboa.

WALKEN o rei dos fotógrafos espanhois, o preferido pelas belezas aristocráticas do vizinho reino.

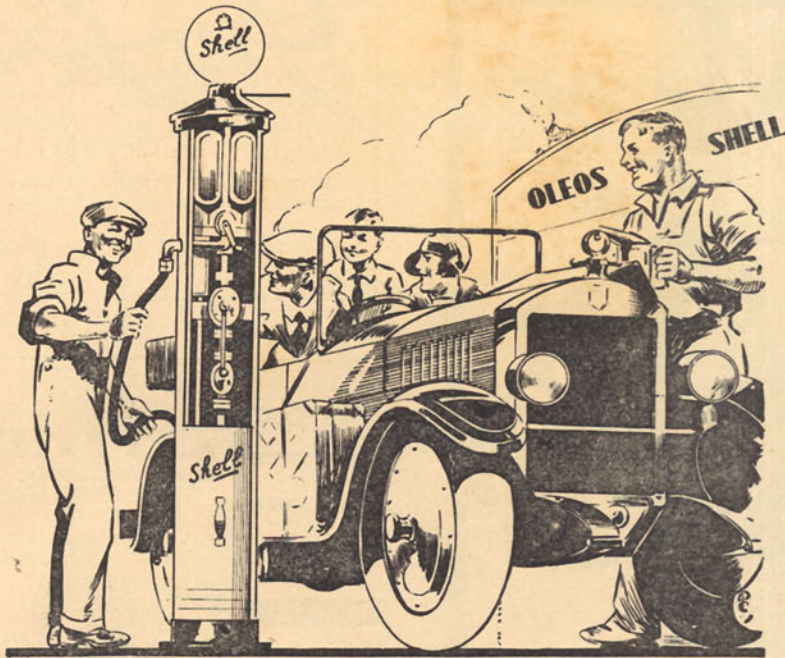
SIMÕES & C.ª LTD. — Fabricantes de malhas de luxo e meias, os mais importantes da península, produzindo em igualdade com as melhores fábricas do mundo, orgulho da indústria nacional. (Stand de Roberto Santos).

COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA — Que num magnifico "Stand" fará a comparação dos vidros da sua fabricação com o que de melhor se fabrica no estrangeiro.

CASA CHINEZA — A mais acreditada casa de Lisboa no género, chás, cafés, louças, serviços e curiosidades de arte chinesa. Criadora do "Chá Voga". (Stand sensacional de António Soares).

GRANDES NOVIDADES PARISIENSES — Vindos da cidade Luz, podemos desde já anunciar três novidades sensacionais. Um **VIBRADOR - MASSAGISTA**, maravilhoso e cujo segrêdo só no Salão se desvendará, um novo invento de **TINTURA INDELEVELO DOS CABELOS**, que também se conserva secreto e uma instalação de **TINTURARIA CASEIRA DE TECIDOS RICOS**, com demonstrações praticas.

Estão a fechar contractos casas de fama mundial de Paris e Madrid e outras de primeira classe de Lisboa e Porto.



— O SORRISO DE SATISFAÇÃO DE QUEM
COMPRA OU VENDE UM BOM PRODUTO —

◆ ◆ ◆ ◆
**A GAZOLINA
SHELL**

**ENCONTRA-SE Á VENDA EM TODAS
AS LOCALIDADES DO PAIZ**


**ANTES DE COMPRAR OLEO PARA O SEU
AUTOMOVEL CONSULTE A NOSSA TABELA
DE LUBRIFICANTES SHELL**

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.º^{TD}

RUA DO CRUCIFIXO, 49 — LISBOA

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 246 — PORTO

— AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ —



BOSCH

A vela de qualidade
Um modelo apropriado a cada tipo de motor

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:
ESCRITÓRIO TÉCNICO ROBERTO CUDELL
PORTO — Passos Manuel, 4°

Grup-fix A COLA IDEAL

ACEIO—ECONOMIA—RAPIDEZ
Não se entorna, colando imediatamente após a sua aplicação **Preço 12\$00**

Únicos representantes para Portugal e Colónias
AILLAUD, LIMITADA
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

NYTHIS
Parfume de
GELLÉ FRÈRES
PARIS



ESSENCIA
PÓ DE ARROZ
LOÇÃO
ÁGUA DE COLONIA
SABONETE

Se vende em Lisboa nas Casas Cister
Agentes gerais STEFFEN & 170, Rua de Marquês 212 LISBOA



obesidade.

"SAL de FRUCTA"

ENO

"FRUIT S'ALT"

Todo o tratamento contra a obesidade deve ser acompanhado com o uso regular de Eno's "Fruit Salt". Sem assucar com eficacia, suavemente como a fructa. Facilita a digestão, evita a dilatação do estomago, liberta o intestino e aumenta as probabilidades de se obter bom resultado com qualquer regimen que se adopte contra a obesidade. 60 anos de reputação mundial!

Exigi sempre a marca **ENO'S "FRUIT S'ALT"**

As palavras "Fruit Salt", "Sal de Fructa" e "Eno" são marcas da fabrica registadas.

MAGAZINE

BERTRAND

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA

VEJAM O NÚMERO DE OUTUBRO

Depositaros em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY, & C^o. LTD. 8, Caes do Sodré, LISBOA

O "SALVADOR" CONSELHEIRO OU UM CONSELHO SALVADOR



...Era uma vez um senhor gordo...



Saía de casa muito cedo...



A correr para os electricos



Sempre de relógio na mão



Almoçava em 10 minutos



Estava horas na bicha do Telegrafo



Mandava os moços a recados



la as lojas fazer compras



Gastava a larga nos taxis



Voltava a casa atarefado.



E quando julgava estar livre.



La voltava a farmacia!



Esta vida ia-o tornando um senhor magro...



...Pois dormia sempre com pesadelos



Ora um dia encontrou o Salvador.



—Pois a mim sobeja-me o tempo!



Voltou para casa a pensar no conselho do Salvador..



...E passado pouco tempo era outra vez um senhor gordo!



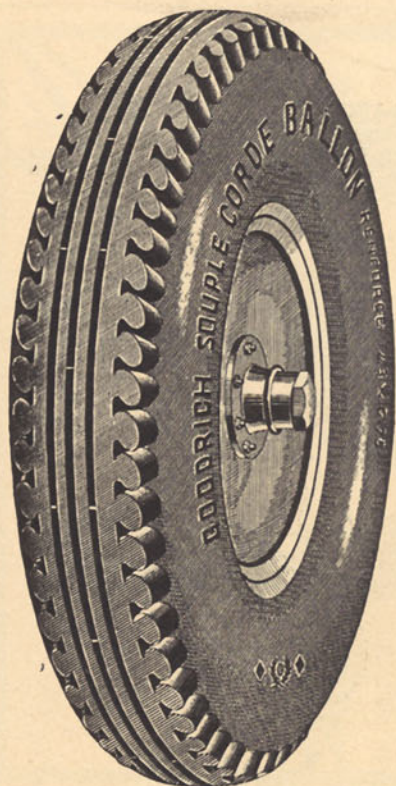
Graças ao telefone que instalou, e por onde faz agora a sua vida as suas encomendas, etc. tudo com economia, rapidez e comodidade!

PARA INFORMAÇÕES DO NOVO SISTEMA DE PREÇOS REDUZIDOS POR CHAMADAS, PAGAMENTOS AO MÊS, ETC., DIRIGIR-SE À

THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE COMPANY LTD.

LISBOA — Rua Nova da Trindade, 43

PORTO — Rua da Picaria — SEDE PRÓPRIA



GOODRICH

O PNEUMATICO MAIS
RESISTENTE E DE
MAIOR RENDIMENTO

AGENTES GERAIS:

OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, P. Duque da Terceira

59, Avenida dos Aliados

LISBOA

PORTO

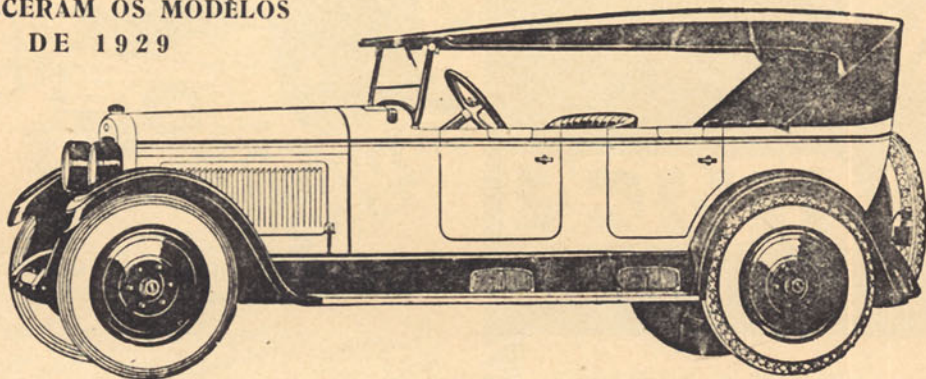
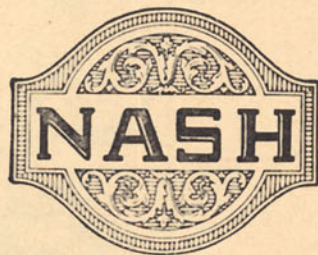
OS MAIS PRATICOS E RESISTENTES

AUTOMOVEIS

— DIVERSOS TIPOS —

O CARRO UTILITÁRIO

APARECERAM OS MODELOS
DE 1929



AGENTES GERAIS: OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

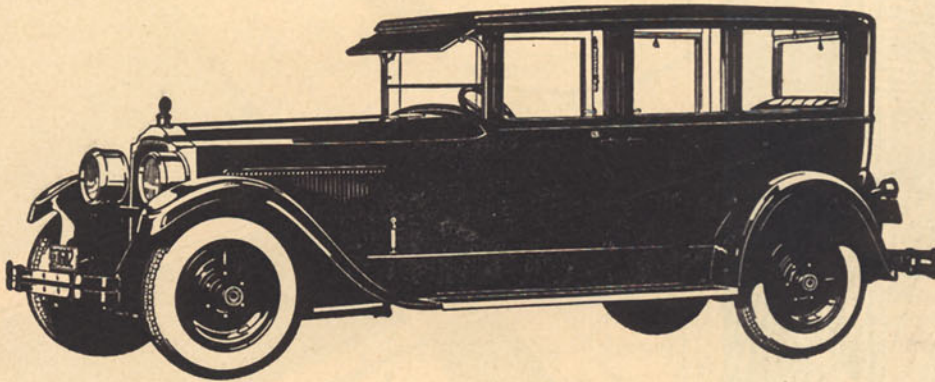
4, Praça Duque da Terceira — LISBOA

59, Avenida dos Aliados — PORTO

Packard

SÓ FABRICA CARROS DE 8 CILINDROS CHASSIS CURTO
CHASSIS LONGO

O MAIS ELEGANTE DOS CARROS



MODELOS 1929 JÁ A VENDA



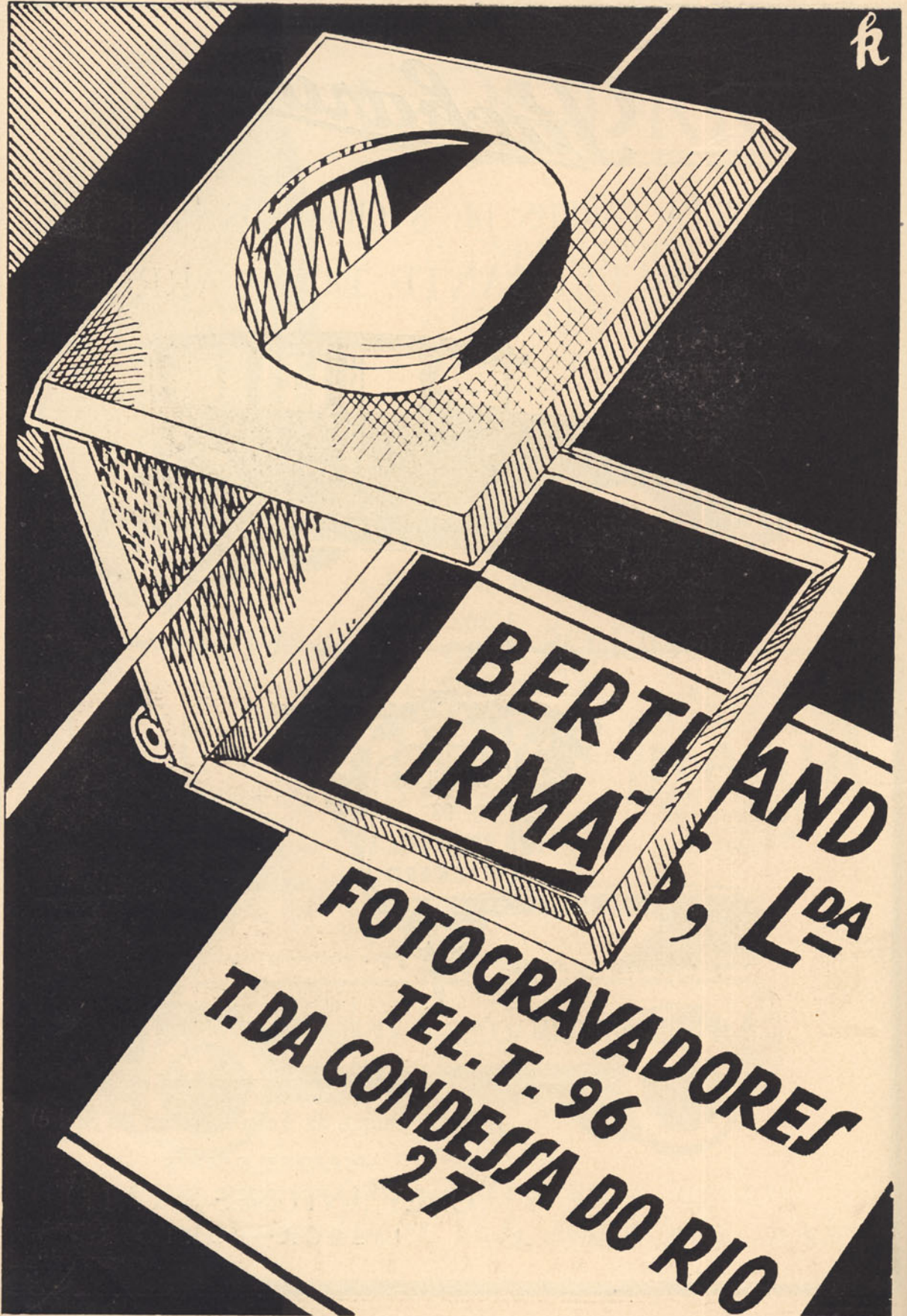
PEDIR INFORMAÇÕES E VISITAR O NOSSO

SALÃO DE EXPOSIÇÃO:
4, Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

OREY ANTUNES & C.^A L.^{DA}
LISBOA—PORTO

R



**BERTI AND
IRMÃS, L^{DA}**

**FOTOGRAVADORES
TEL. T. 96
T. DA CONDESSA DO RIO
27**

Um augmento cons- tante na procura

O novo sortimento Graham-Paige foi recebido pelo publico com o mais franco entusiasmo, verificando-se um constante augmento na sua procura, graças ao supremo e incomparavel valor que elle offerece. Os Compradores de automoveis rapidamente verificam encontrarse nelle a rara combinação de força, belleza e commodidade alliadas a um funcionamento de véras economico.

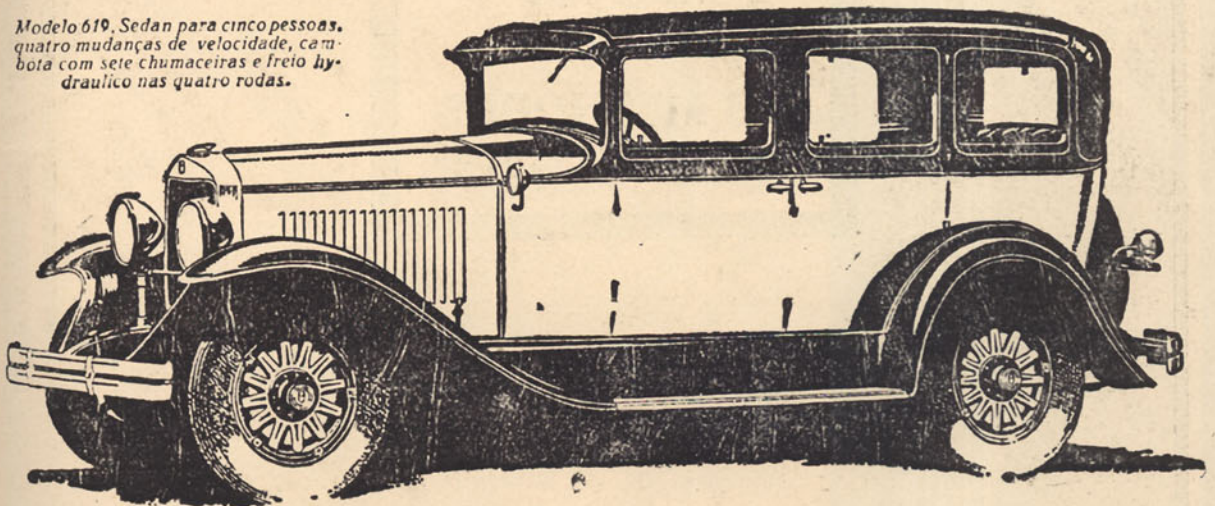


Ha sempre um Graham-Paige para satisfazer qualquer requisito do automobilismo. Dezoito modelos diversos em cinco chassis diferentes, de Seis e Oito Cylindros, por preços ao alcance de quase todos os que tezejam comprar um automovel

Quatro modelos com 4 velocidades, a 3.^a e a 4.^a silenciosas

Modelo 619, Sedan para cinco pessoas, quatro mudançãs de velocidade, cambota com sete chumaceiras e freio hydroaulico nas quatro rodas.

*Joseph B. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham*



Unico concessionario para Portugal:
J. COELHO PACHECO
21, Avenida da Liberdade
Stand e garage: 90, 92 e 94, Rua Braamcamp
Telefone: Norte 2595
LISBOA

GRAHAM-PAIGE

ALINE

RUE
DE
LA
PAIX

P A R I S

Apresentará
em breve
os seus per-
fumes e pro-
dutos de bele-
za e "toilette"

**OS MELHORES
DO MUNDO**

DEPOSITÁRIOS EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:
RESSURREIÇÃO L.^{DA} — R. DE S. PAULO, 55, 2.^o-LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procição)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOÃO DA CUNHA DE RÇA

DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO :

AILLAUD, L.^{DA}

R. Garrett, 73, 75—Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Rua Anchieta, 25

Telef. C. 1084

ANO 3.º — NÚMERO 68

16 DE OUTUBRO DE 1928

OS ÚLTIMOS DIAS NAS PRAIAS PORTUGUESAS



APROVEITANDO OS ÚLTIMOS DIAS BONITOS E OS ÚLTIMOS RAIOS DE SOL, AINDA ARDENTES, NESTE OUTONO DOURADO, AS MAIS LINDAS E ELEGANTES BANHISTAS ENCHEM AS PRAIAS COM A SUA FORMOSURA E A SUA GRAÇA (Fotos «Ilustrações»)

ROYAL BAKING POWDER C.º, a maravilha da doçaria e **GILLETTE SAFETY RAZOR**, a maravilha das máquinas de barbear, concorrem ao Salão da "Voga" por intermédio dos seus representantes João Machado da Conceição & C.º, Ltd.º, de Lisboa



CRONICA DA QUINZENA

No mês andante, falando à moda brasileira, recomeçam os trabalhos escolares, em alguns estabelecimentos de ensino interrompidos desde Junho.

O regime de férias, nas várias Escolas do País, é uma coisa desordenada, desde há muitos anos, e caiu na maior desordem depois que foi adoptada a frequência livre. A este respeito entenderam-se sempre à maravilha os alunos e os professores, uns pouco cuidadosos de ensinar, os outros pouco desejosos de aprender.

Cremos não errar por muito dizendo que os serviços da instrução, entre nós, tem sido votados a um criminoso abandono, frequentemente entregue a sua direcção suprema a individuos sem nenhuma competência provada para o exercicio de tão importante função.

Achamos bem que se equilibre o Orçamento, para que se restabeleça o nosso crédito; mas parece-nos que seria optimo resolver o problema do ensino nos seus diferentes graus, por maneira que as Escolas fôsssem alguma coisa mais que armazens ou lojas onde se vendem diplomas à *prix fixe*, servindo para o ingresso fácil, constantemente cómodo e em muitos casos rendoso, na Madrugaria burocrática.

Com certeza os rapazes de hoje são mais inteligentes, muito mais inteligentes que os de há vinte ou trinta anos, porque o tempo lhes chega para serem distintos nas aulas, e grande parte do ano lectivo passarem-no em excursões artísticas, cantando fados e tocando banza. Ainda se compreendia que aproveitassem as férias para essas *tournées* scientifico-recreativas; mas é, geralmente, quando estão a funcionar as aulas que elles realizam as suas excursões, acompanhados de professores.

Para se ver até que ponto essas passeatas acadêmicas obedecem a intuitos eminentemente pedagógicos, basta dizer que no ano escolar findo estudantes de medicina foram de visita às várias Universidades... de Marrocos.

O regime dos cursos livres para pouco mais serviu que para mostrar a dispensabilidade dos professores, que aliás nunca se mostraram descontentes, com as excepções do estilo, pelo facto dos alunos não comparecerem a escutar-lhes a perlença.

Há que pensar a sério no problema da instrução, com animo de o resolver, porque elle é, verdadeiramente, o nosso problema nacional subordinados a elle todos os outros, certo como é que na fase actual da civilização

só os povos sólidamente instruidos se agüentam na concorrência entre as Nações e progredim com desassombro.

Temos uma percentagem vergonhosa de analfabetos, variável entre cincoenta e setenta, mais próxima dos setenta que dos cincoenta, se na estatística official introduzirmos as devidas correcções. Desta vergonha nos livraríamos com relativa facilidade, se nos dispuzessemos a isso com animo resolutivo, gastando com os respectivos serviços, duma utilidade manifesta, e duma necessidade urgente, o que se malbarata com outros serviços de somenos utilidade, alguns sem utilidade nenhuma.

Não vá supor-se, entretanto, que o problema, no que diz respeito ao ensino primário, ficaria per completo e satisfatoriamente resolvido, se o Estado mandasse construir as doze ou quinze mil escolas que nos faltam, tendo em vista que o número de escolas primárias, em cada País, é função do número dos seus habitantes e sua distribuição pelas várias regiões ou Províncias. Há que fazer uma rigorosa escolha dos professores, muitos sufficientemente providos de habilitações literárias, mas falhos dos indispensáveis predicados que devem concorrer nas pessoas a quem incumbe, em grande parte, a formação do carácter em crianças na primeira infância. O professor é muito, mas não é tudo numa Escola; o método é alguma coisa, e os compendios, os livros de leitura são duma importância summa.

Está hoje assente que a diferença entre as chamadas raças superiores e as raças inferiores, é essencialmente uma diferença de mentalidade, de pouco valendo as características anatómicas dumas e outras. O erro fundamental das missões católicas, em Africa, consistiu em querer aproveitar a mentalidade do negro para nele enxertarem superstições tão grosseiras como as que elle já tinha, consolidadas numa herança de séculos, mas a elas semelhantes, no ponto de vista psicológico. Precisamente esta semelhança fazia com que o selvagem as aceitasse, sobrepostas às outras, que subsistenciam em estado latente, tornando-se manifestas em determinadas condições. Dava-se então o que o homem civilizado chamou um *fenómeno de*

regressão, attribuindo-o à inferioridade absoluta do preto, sem se lembrar que a sua catequese lhe não modificara a mentalidade, *substratum* das suas ideias e sentimentos, o que tanto faz dizer determinante de todos os seus actos, como elemento duma raça.

Pois que recomeçam no mês decorrente os trabalhos escolares, boa nos pareceu a ocasião para chamarmos a atenção das pessoas competentes para a barafunda do ensino, mau na vigência da Monarquia, e pouco melhor na vigência da República, se pode considerar-se melhoria o luxo de Universidades e Faculdades criadas de 1910 para cá.

A produção scientifica das nossas Escolas é mínima, e o nível intelectual das classes cultas, assim chamadas porque há outras sem cultura nenhuma, deixa imenso a desejar. Se o Estado fôsse exigente no recrutamento dos seus funcionários, sujeitando os respectivos candidatos a provas rigorosas, as Escolas públicas caíam num miserável abandono, porque a maior parte dos que as frequentam não querem delas mais que o diploma, isto é, a chave com que se abre a porta dos empregos vitalícios, às vezes de escassa remuneração, mas constantemente de mínimo trabalho.

Aparte as Escolas de carácter eminentemente técnico, nem todas, os nossos institutos de ensino médio e superior pouco mais fazem do que preparar candidatos ao emprego público, escassamente instruidos e viciosamente educados, para o maior número o Estado sendo apenas um patrão sem exigências, bom de aturar porque não fiscaliza os serviços, raramente despedindo os seus agentes que o servem mal, por incompetência ou falta de zelo, a todos garantindo o pão da invalidez depois de lhes ter pago a mandria como se fôsse trabalho.

Como diria frei Bartolomeu dos Mártires, se hoje vivesse e tivesse assento num Senado universitário, as Escolas e os illustrísimos professores carecem duma illustríssima reforma.

Há que a fazer, e quanto antes, mas toda a reforma impõe um reformador, e o Marquês de Pombal, morto há século e meio, deixou muitos engeitados, fillos legítimos; como estadista, se alguns deixou, os Cabrais deram cabo d'elles.

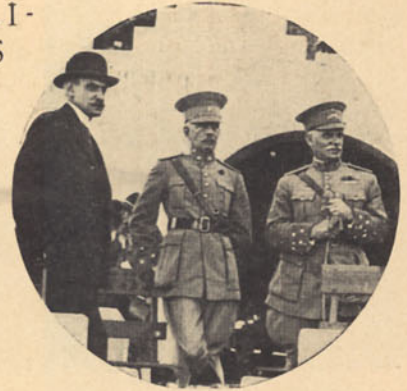
Que demônio!

Então porque um músico ambulante toca bem ocarina, pode-se-lhe cometer a reforma do Conservatório?

BRITO CAMACHO.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACTUALI-
DADES



(Fotos Mário Novais)

NO OVAL, à esquerda: — Uma corrida de cavalos renhidamente disputada, na Marinha de Cascais

O Chefe do Estado e o sr. ministro da Guerra, assistindo às corridas de cavalos na Marinha

NOS DOIS MEDALHÕES DE BAIXO: — Assis-
tência elegante às provas



EM CIMA: — Vamos apostar?...

EM BAIXO: — Três que se não divertem muito...



EM CIMA: — Exposição de Pomologia e Horticultura no Grémio de Acção Municipal de Castelo de Vide

(Foto José Vicente Manso)

EM BAIXO: — Um interessante aspecto das corridas, em Cascais



A CASA CHINESA — da Rua do Ouro — a melhor casa de chás, cafés e porcelanas orientais, concorre ao Salão da "Voga"



Formosíssimas senhoras da sociedade, concorrentes no final «Baile das Botellas» efectuado em Cascais, ultimamente



Os pequenos «ardinas» vencedores das provas desportivas promovidas no Estoril pelos nossos queridos colegas «Diário de Lisboa» e «Sempre Fixo»



Diplomatas estrangeiros saúdo da recepção oficial da Presidência, que foi um dos actos mais solenes da comemoração da data da implantação da República em 5 do corrente

(Fotos «Ilustração»)



Jornalistas do Porto e Lisboa, à porta do Hotel de Itália, do Monte Estoril, onde se realizou um almoço de confraternização oferecido pelos segundos aos primeiros, visitantes da capital



O aparelho denominado «Autogiro», invenção do engenheiro espanhol La Cierva, que parece destinado a revolucionar a aviação e que, tripulado pelo seu inventor, está realizando um circuito europeu. — (Foto H. Manuel)



Chegada a Lisboa dos jornalistas portugueses que nos visitaram a convite do Sindicato dos Profissionais de Imprensa de Lisboa



Aspecto da assistência no «Porto de Honra» aos jornalistas portugueses, oferecido pelo Sindicato dos Profissionais de Imprensa de Lisboa, nas salas da sua sede

SIMÕES & C.ª LTD.ª, a maior fábrica de malhas finas da península, exporá no Salão da "Voga" os seus incomparáveis produtos

Do que houve por esse país fora, durante uma quinzena, a passada, pávido resumo é esta página. No entanto, aqui e ali, no marasmo geral, algumas notas curiosas e de interesse, que arquivamos:

1—As senhoras que foram premiadas no baile mascarado realizado na Curia na noite de 22 de Setembro último. Da esquerda para a direita, as sr.ªs D. Maria Isabel de Vasconcelos Corrêa, D. Maria Hermínia Serzedelo de Almeida, D. Maria Cecília Lopes de Almeida, D. Alzira de Almeida, D. Maria do Carmo Rocha Melo, D. Maria Alice Serzedelo de Almeida e D. Ema Temudo



2—Visita da imprensa de Lisboa ao colégio Infante de Sagres, por ocasião da inauguração do seu ano lectivo. Grupo do corpo docente do magnífico estabelecimento de ensino, com os jornalistas



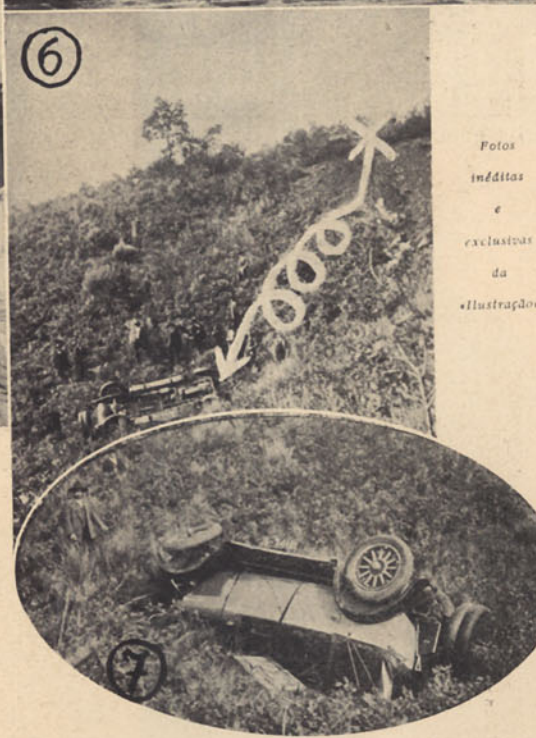
3—O director do Grande Colégio da Bouvista (Pôrto) dr. Manuel Pinto Soares entre o grupo de alunos classificados que desempenham o cargo de monitores numa nova organização disciplinar moderna que se inaugurou naquele estabelecimento

4—A peregrinação patriótica do «Diário de Notícias». Os excursionistas junto da igreja de São Francisco, na cidade do Pôrto. — (Foto Alvaro Martins)

5—A peregrinação patriótica. — Os peregrinos saindo do formoso mosteiro de Leça do Balhão, depois da demorada visita aqúelle monumento histórico. — (Foto Alvaro Martins)

6—Um desastre de automóvel em Iragança. Um potente carro guiado pelo seu proprietário dr. Alípio Abreu, transitando pela estrada de Iragança à Torre de D. Chama, levando como passageiros o sr. Domingos Montanha, sua esposa e filha e D. Maria Inês Pessanha do Lago, safu da estrada na Serra de Nogueira e precipitou-se por uma ribanceira. Apesar do carro ter feito por três vezes o looping the loop não houve desastres pessoais. O traço branco indica a trajectória da queda. — (Clichê Tenente Serafim C. Pimenta)

7—Aspecto do carro do dr. Alípio Abreu no fundo do barranco da Serra de Nogueira onde caiu. — (Clichê Tenente Serafim C. Pimenta)



Fotos inéditas e exclusivas da «Ilustração»

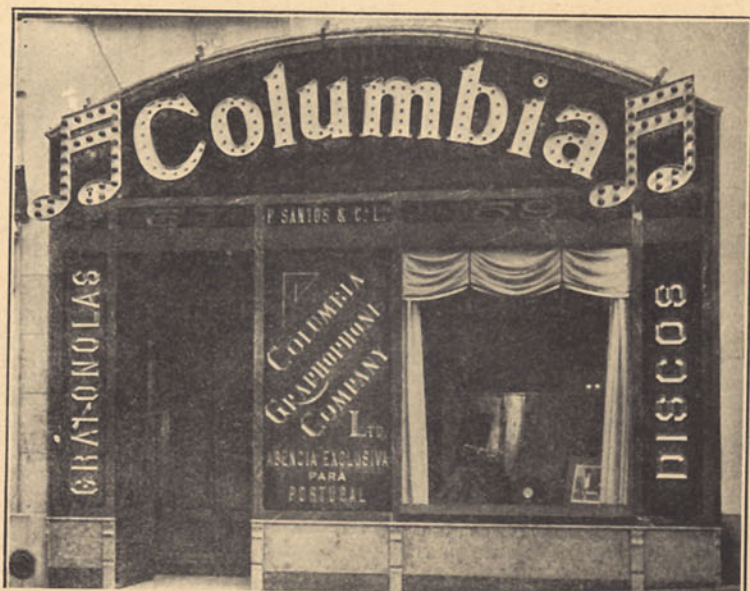
JOÃO ANJOS, o grande artista de condecorações, esmaltes, medalhas e placas de arte, da Rua do Mundo, exporá no Salão da "Voga"



O «Frigidaire», maravilhoso frigorífico que será exposto no Salão da Foga por Denis M. Almeida.— Stand Buick



O lindo «stand» de H. Queirós L.^{da}, onde se veem os maravilhosos «Willys» Knight» que se exporão no Salão da Foga



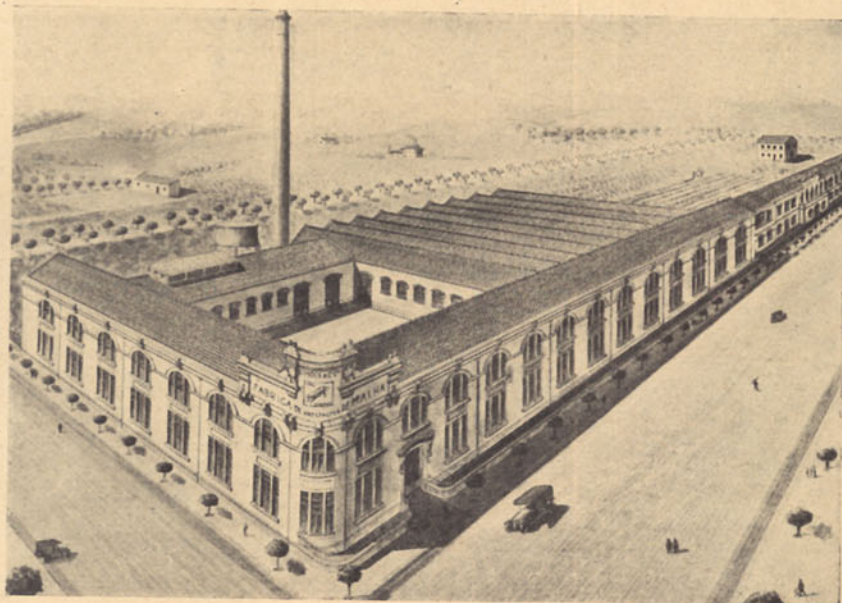
A fachada da agência para Portugal de «Columbia», os maravilhosos gramofones que serão o êxito do Salão da Foga



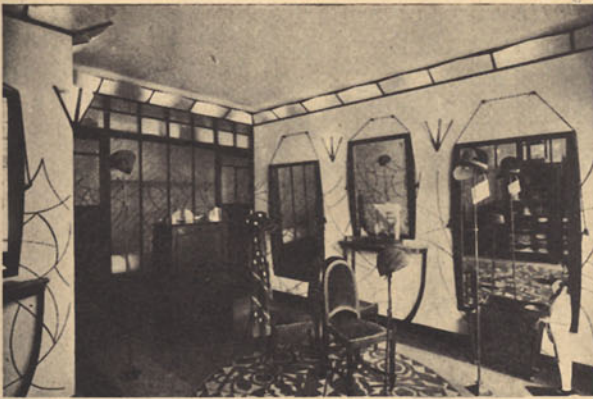
Paris-Chiado, será, com Bastos Silva L.^{da} expositor de malas, carteiras e povidades, no Salão da Foga



Peça de vidro, da grande arte, da Companhia Industrial Portuguesa que exporã, no Salão da Foga as maravilhas dos seus produtos
A DIREITA: — O gigantesco edifício da Fábrica de Malhas de Simões & C.^{da} L.^{da}, produtores de meias de seda e malhas de luxo, sem rival na Península, e se apresentará no Salão da Foga



A SOCIEDADE PORTUGUESA DE CONSTRUÇÕES MECANICAS, LTD.ª apresentará no Salão da «Voga» as suas elegantíssimas mobílias metálicas de alta fantasia



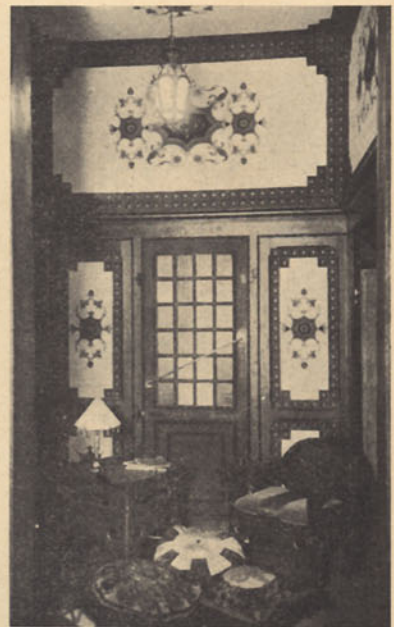
Um aspecto do formosíssimo estabelecimento de Tati, «chapeliers en vogue» da rua de S. Nicolau, que concorrem ao Salão da Voga



A formosíssima sucursal de Lisboa do Grande Bazar do Porto, representantes dos famosos gramofones e discos «His Master's Voice», concorrente do Salão da Voga



A casa Sasseti & C., pianos, órgãos, edições musicais artísticas, maravilhosamente frequentada, será expositora no Salão da Voga



No Salão da Voga a realizar em breve no Palácio de Belas Artes, terá um «stand» magnífico a Casa Francisco António Moreira L.^{da} do largo de S. João, decoradores, papéis pintados, etc. de que reproduzimos um lindo recanto



EM CIMA: — A «Casa Chinesa» da rua do Ouro, a mais célebre casa vendedora de chás finos, cafés, louças orientais e novidades de arte, não se limita a apresentar no Salão da Voga um riquíssimo «stand» decorado por António Soares, mas também criará o perfumado «Chá Voga».

A DIREITA: — Uma das oficinas da grande fábrica de calçado da Sociedade Industrial «Elite». Esta fábrica, que produz calçado do melhor e mais belo do mundo, fornecendo os melhores estabelecimentos do país, far-se há representar opulentamente no Salão da Voga

DURANTE O SALÃO DA VOGA TODAS AS INDICAÇÕES AO PÚBLICO, ANÚNCIOS DOS ARTIGOS EXPOSTOS, PROGRAMAS E NOVIDADES PALPITANTES DA VIDA SOCIAL E MUNICIPAL SERÃO TRANSMITIDAS POR POTENTES AMPLIFICADORES E «HAUT-PARLEURS» DA GRANDE CASA «RÁDIO-VITÓRIA», RUA SERPA PINTO



ACH. BRITO, grandes perfumistas portuenses, famosos no mundo pelos sabonetes e perfumes, expõem no Salão da «Voga»

LIVROS E ESCRITORES

Como Esculápius que à cabeceira dum doente em estado grave dissentem sobre a origem do mal, assim os que tomam a peito averiguar o motivo da actual crise do livro se dividem em dois grupos: o dos que a atribuem exclusivamente à falta de interesse do público, menos leitor hoje do que outrora, tendo como tem de partilhar seu tempo e sua atenção pelo seu número de diversões, cinematógrafo, espectáculos desportivos, «jazz-band», chás-dansantes, etc., que a trepidante vida moderna lhe prodigaliza; e o dos que, em desafirmação das multidões assim incriminadas, lançam antes a culpa à quasi geral e bem notória deficiência dos trabalhos que se atrevem a requerer a perpetuidade em letra de forma. Em suma, uns a quem accusam é ao público leviano, que perde o velho hábito das saborosas e instructivas leituras ao serão, num recanto confortável do lar, ao passo que outros onde prégam com energia e alma a sua estocada é na prosápia dos senhores plúmbeos, os quais jámais descuidaram como na era presente a sua tarefa, dormitando sobre ela muitíssimo mais do que o bom Homero, no dizer de Horácio, usava fazer sobre os versos que lhe deram, todavia, a immortalidade. Aqueles são deste parecer: que valto o escrúpulo no fabrico da obra, o seu extremo apuro, a sua brunidura quasi volvida em monomania, se quem tem de premiar o criador dela anda desavindo destas coisas de espirito e de tudo procura saber menos de belezas literárias? Para que gastar, nesta conformidade, o óleo da lâmpada em estiradas vigílias? Que os insensatos o façam, porque também há quem se entretinha a lançar pérolas a porcos. Os que têm a exacta noção do momento, não deitam assim as suas horas ao desperdício, caído em situações ainda mais dolorosas do que a de Santo António quando se viu sem audientes humanos para as suas prédicas. Esse, ao menos, ainda teve cardumes de peixinhos a escutá-lo...

Porém, do campo fronteiro, a voz que se ergue rebate de todo essa absolvição aos literatos negligentes, e fá-lo até em termos mordazes: Quereis então que os viçosos louros cinjam as fronteiras? Há alguém que entere os dentes com volúpia em frutos por sazomar, demais a mais se lhe exigem por eles o preço dos que o sof, divino pomareiro, convertem em bocetas de ouro e mel? Convençamo-nos de que se a grande massa dos leitores volta as costas à maioria dos livros que hoje lhe ofertam, é porque estes nada ou bem pouco encerram que os saiba cativar. Melhorem os autores a sua fazenda, não a defraudem de esforço e talento, não a adulterem nunca, que outro galo, de mais límpido cantar na gorja, lhes cantará. Diziam os latinos: *ante mare, undae*. Antes do mar, as águas. Assim é no meio das letras, como em tudo. Se se deseja a estima do público, apresente-se-lhe primeiro o que, pelo seu estremo valor, bem mereça que ele o estime.

Ora, aos que ajuzam desta última maneira, veio a *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, já duas vezes referida nestas crónicas e a que novamente temos hoje de dedicar algumas linhas, fornecer um poderoso, um decisivo argumento. Vejamos. Antes de lá aparecer e antes mesmo de se ouvir o primeiro vagido do seu preparo, já a crise do livro existia e já toda a gente dela falava, emprestando-lhe um aspecto mais horrido que o do Adamastor aos olhos dos nossos antigos mareantes. Não havia ambiente para obras de importância, afirmava-se com ar solene. E havia mesmo quem, de espírito jocoso, fechasse a questão com esta bondade: livros... só os de questão.

Mas eis a *História da Literatura*, na gallardia do seu tomo inicial. Ei-la, e logo, com gram pasmo dos que se preparavam para lhe assistir ao entérro e traçar sobre a campa um

sarcástico R. I. P., começam a disputá-la para as suas estantes milhares e milhares de colecionadores, os quais, afinal, existiam e existem ainda em número avoado para assegurar alento e consagração a tudo o que possui verdadeiro préstimo. E a lição ressalta, ligeira e bela, do simples exame do facto: se na sociedade contemporânea não são poucas as cabeças doidas pelo «jazz-band» e pelo «charleston» e outras excentricidades auditivas e coreográficas, ao lado delas (e neste contraste reside, afinal, uma das maiores delícias da vida) persistem tantas ou muitas mais cabeças cujo miolo continua são e no devido lugar, dedicando-se ao estudo e à arte, pelo que a confraria dos estilistas e dos eruditos, desde que as sirva com nobreza e pertinência, pode contar com elas na devida altura. Porém, o que exigem, e estão no seu direito, é que ninguém lhes venda *strass* por diamante autêntico...

Concluindo, a crise do livro existe e na sua germinação influi, como é intuitivo, a crise

que se um pequeno mas interessantíssimo ensaio do sr. dr. Reinaldo dos Santos, cujos créditos como crítico e historiador de arte são dos mais firmes e que nesse lúcido trabalho traça uma síntese inteligente da nossa evolução artística na mesma época. Da arquitectura, da illuminura e das artes menores ele fala com muito acerto, ampliando porém a sua lição sobre a primeira, na qual assegura o predomínio do românico, o mais conforme, diz o illustre estudioso, com o gosto do nosso povo. Finalmente, assenhoreando-se da maior parte do tomo e ainda deixando para o seguinte a sua conclusão, vem o sr. dr. José Joaquim Nunes, nomes dos mais prestigiosos da corte erudita de Portugal, ministrar-nos uma succulenta lição sobre a *Poesia Galego-Portuguesa ou Trovadoresca* (séculos XIII a XV), a qual constitui a infância da nossa literatura. E o que é digno de relevo é que o autor deste trabalho não se limita a passar em revista as opiniões alheias sobre o assunto. O seu estudo é de maior al-



O dr. José Joaquim Nunes, à sua mesa de trabalho

económica da nação: mas do seu agravamento quem mais culpado é, como por paradoxo, é a grei daqueles que exactamente maior interesse deviam mostrar na sua cura, a qual, de resto, só exige como terapêutica o trabalho regular e consciencioso, bem pensado e melhor construído.

Tendo sido o êxito da *História da Literatura Portuguesa* o almiré destas considerações sobre a tão falada crise do livro, seria imperdoável nada dizermos a respeito do novo tomo, agora saído, da monumental obra.

Nele, que vem tão repleto de ensinamento e de documentação iconográfica como os dois primeiros, aparece concluído o excelente estudo do sr. Joaquim de Carvalho relativo às instituições de cultura. Havia já tratado o douto publicista das livrarias monásticas e aqui occupase das seculares e das reais, terminando por uma referência ao considerável movimento de traduções entre nós no período medieval, movimento que patenteia quão vigorosa era já então a vontade de saber dos nossos letrados. Se-

cance e maior profundidade, pois amide os juízos próprios, frutos duma particular investigação e dum raciocínio que não se subalterna às idéas-feitas, acodem a rectificar o que até agora nesse campo era considerado como certo e sabido. Qual a função dos trovadores, qual a dos jograis? E o eminente erudito define essas funções, no seu entender diversas, ao passo que muitos as têm dado como similares.

Duas palavras ainda, para fecho desta nota, a propósito das gravuras do presente tomo: um verdadeiro encanto são os exemplares de illuminuras que ele apresenta, uns de códices nossos, outros de códices existentes nas grandes bibliotecas estrangeiras e entre os quais o confronto não é em desfavor dos nossos monges illuminadores e copistas. Mas o que mais nobreza atribui ao tomo III é a reprodução, na sua tonalidade própria, decerto difficilissima de conseguir, duma página do precioso *Cancioneiro da Ajuda*. Basta olhar esse shors-texte para colher a melhor das impressões a respeito da competência dos feitores desta grande empreza de cultura.

CÉSAR DE FÉRIAS

COLUMBIA, a grande marca de gramofones e discos, apresentará no Salão da "Voga" o seu Electrofone Kolster



ALBERTO DE SOUSA

Palácio do Conde dos Arcos

FIGURAS DO MOMENTO



CALVIN COOLIDGE

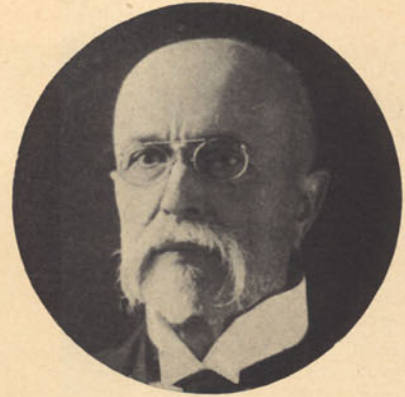
O chefe de Estado da colossal República Federativa Norte Americana, vai abandonar o seu alto cargo, como se vê pela foto, sem grandes tristezas. Homem simples e reservado de palavras, a sua acção governativa foi mais produtiva do que brilhante.



KELLOG

O criador do célebre pacto da paz perpétua, figura muito discutida na sinceridade dos seus sentimentos pacifistas e que a opinião americana e parte da europeia indica como o candidato com mais probabilidades de obter o Prémio Nobel da Paz de 1928.

(Foto H. Manuel).



DR. MASSARIK

O ilustre presidente da República Tcheco-Slovaca é um dos grandes candidatos ao prémio Nobel da paz.

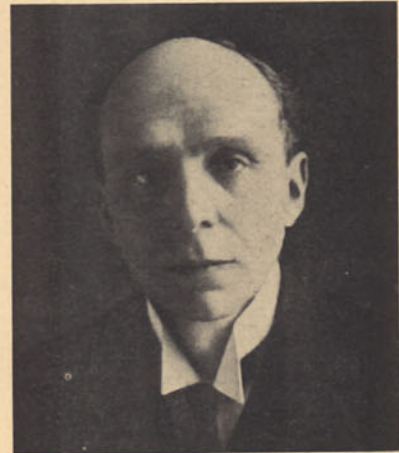
(Foto H. Manuel).



PROFESSOR EINSTEIN

O eminente pensador e homem de ciência, célebre pela sua maravilhosa «teoria da relatividade» e que está gravemente doente com um ataque cardíaco.

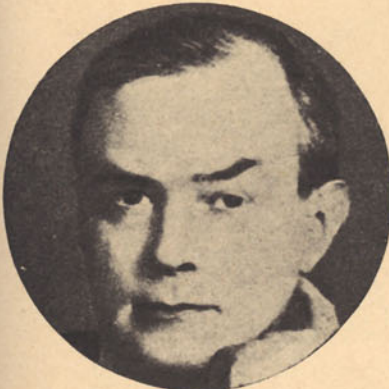
(Foto H. Manuel).



LORD ROBERT CECIL

EMINENTE homem público inglês, sustentado pelos seus compatriotas e grande parte da Assembléa da Sociedade das Nações como candidato digno da preferência ao Prémio Nobel da Paz.

(Foto H. Manuel).



EDDIE MARSH

SECRETÁRIO de Lord Churchill que, depois dum desastre de automóvel caiu em poder de bandidos da Córsega que exigem por êle grande resgate.



AURORA JARDIM ARANHA

TALENTOSA escritora e jornalista portuense que em breve dará a sua colaboração às nossas páginas com trabalhos que, como todos os que subscreeve, são apreciadíssimos pela sua originalidade e perfeição de recorte. Aurora Jardim Aranha, cujo «Romance Branco» acaba de ter a 3.ª edição esgotada, é um dos nomes literários mais em destaque no nosso meio.



DOCTOR UBALDO PAIS

ACTUAL presidente da Câmara Municipal de Salsete (Gôa), um grande cirurgião e clínico de renome, que tem demonstrado altas qualidades de estadista e a quem se devem grandes obras de fomento, como a ponte em cimento armado sobre o pitoresco rio Sal, ligando Assolú a Chinchinim.

SASSETTI & C.ª, apresentarão no Salão da "Voga" os seus pianos, auto-pianos e edições musicais artísticas



Os saloios



Entre todas as manifestações étnicas que caracterizam a população dos arredores dos grandes centros, poucas haverá que tenham um cunho tão acentuadamente original como o *salóio*.

O *salóio* que corresponde nos subúrbios de Lisboa, ao que no Ribatejo se chama o *barrão* ou o *bairrão* é um produto curiosíssimo da vida do campo extremamente limitado tão somente ao que desde tempos bem distantes se denominava o termo de Lisboa.

Todas as grandes cidades têm no exotismo dos seus vizinhos rurais, exemplos marcados dos seus tipos rústicos e que em todos os trajes, afinal, constituem uma atracção e estudo e um mostruário digno de ser admirado, cuja característica de indumentária e de complicação usual tão diferenciados andam dos que possuem os habitantes das povoações marcadamente urbanas.

Lisboa tem o *salóio* e não se diga que não pode apresentar um espécimen digno de ser observado e estudado nas suas tendências, no seu modo de ser, na sua atracção de vida de trabalho.

E poucas terras terão conseguido uma tão estreita intimidade com as suas cercanias campestres como Lisboa que vê o *salóio* a toda a hora passar pelos seus arruamentos, absolutamente refractário a todas as inovações, completamente hostil a tudo o que marca um passo na evolução do progresso. O *salóio* na vida cidadina logrou penetrar na nossa maior intimidade, imiscuir-se no nosso lar tomando parte em tudo o

que mais directamente afeta a vida privada dos lares lisboetas.

A laboriosidade desta estripe rural extraordinariamente activa e duma dilatada esfera de acção atirou-a para o meio «alfacinha» de há séculos a esta parte e razões não há, para que possamos crer que num futuro mais ou menos próximo o *salóio* deixe de viver *portas a dentro*, com todos nós. Porque é isto assim?

Simplesmente porque o *salóio* veio trazer à população de Lisboa, através de todas as vicissitudes e à custa duma tenacidade admirável, o principal da nossa alimentação e o mais necessário da nossa higiene do vestuário! O *salóio* pode gabar-se de que conhece profundamente uma grande parte da nossa predilecção culinária e uma não menos boa parte da nossa indumentária discreta que as suas mãos ágeis e possantes clareiam e aromatizam de colaboração com o sol bendito dos nossos arrabaldes. O *carreção* e a *lavadeira* são os dois exemplares mais curiosos da actividade *salóia* traduzida em préstimo ao habitante da cidade! A trajectória do sol anda ligada a contribuição de labor do *salóio* amigo que lhe prodigaliza a hortaliça viçosa e a fruta apetecível e lhe arranca dos devãos das suas moradias a roupa castigada pelo tempo e enegrecida pela continuação do uso. Quando o sol ainda vem longe e a noite parece teimar em não desaparecer a casa humilde do *salóio* de Loures, Montachique, Lousa e Caneças alvoroça-se num movimento frenético, porque os seus moradores, na sua quasi totalidade, aprestam as mueres sonolentas para que aos varais da carroça ou da galera as vão puxando com a comitiva sádia da roupa lavada que vai para a cidade em busca da que há de ser batida nas pedras alvas que formam na margem dos riachos e rios sempre prontas ao serviço de purificar as inmundícies e dar alvura aos tecidos que o cloreto morde em branquiamentos deliciosos. E quando a manhã exhibe os seus primeiros alvores, pelas antigas portas do Lumiar e Benfica entra o cortejo triunfal, ao som festivo das campainhas do gado e por entre o estalido das correias dos chicotes que pelo caminho deixaram a caravana à vontade porque enquanto a noite ia alta tudo caminhava numa sonolência embalsamada! Abrem-se as portas das estalagens acolhedoras, a mangedoira anima-se de palha e de grãos e os *salóios* dividem os fardos, numa metodisação admirável para que a ciência de economisar o tempo e o espaço transcreve um dos seus melhores capítulos.

O *carreção* da hortaliça e da fruta deixa a sua ponsada, abandona a sua horta e os seus pomares já quando o sol se prepara para percorrer a sua curva descendente. E,

quando o entardecer se aproxima, em fileira os carros de bois são o cortejo infindo a caminho dos mercados, cortejo vagaroso, onde por vezes se ouve o ranger das folhas frescas dos repollios e que vai deixando após a sua caminhada lenta, o aroma sádio da fruta ainda regada pelo rócio da madrugada. E é o *salóio* que trás à cidade, e dela leva também, tudo o que cabe no secular labor da sua profissão. A faina renova-se a par e passo. Mas o *salóio* é sempre o mesmo tipo, encardido, um tudo nada matreiro, o olhar baixo que lhe vem do hábito de olhar a terra. As mulheres não se ufam da prodigalidade da formosura, porque as suas carnes demasiado se crestaram com o sol e se insensibilisaram à água. A grosseira tecelagem dos seus vestidos venceu a franqueza das fôrmas, a imersão em botas desmesuradas masculinizou-lhe o andar. A mocidade na *salóia* demorou-se bem pouco, ou muito menina, ou já «madura». Por isso ninguém quer, ninguém desejar as *salóias*, senão os *salóios*. E, a população cidadina só vê no *salóio* que lhe dá as hortaliças e os frutos e na *salóia* que lhe lava a roupa o animal de carga, indispensável aos seus usos e às suas exigências e cobre-os de desdem, cumula-os de chasco, sem se lembrar que sem eles a Praça da Figueira e os mercados citadinos seriam um grande deserto e a «roupa branca» da maioria da população com muita dificuldade conheceria a água limpidia e, assim mesmo, não seriam os lavadouros da cidade que a tornariam tão alva como a água corrente dos rios e regatos que refrescam tóda a terra que vai de Benfica e do Lumiar até os confins de Mafra e às penedias de Sintra.

NOGUEIRA DE BRITO.



BASTOS E SILVA LTD. e **PARIS-CHIADO**, reis das novidades, malas de senhora, etc., apresentam-se no Salão da "Voga"



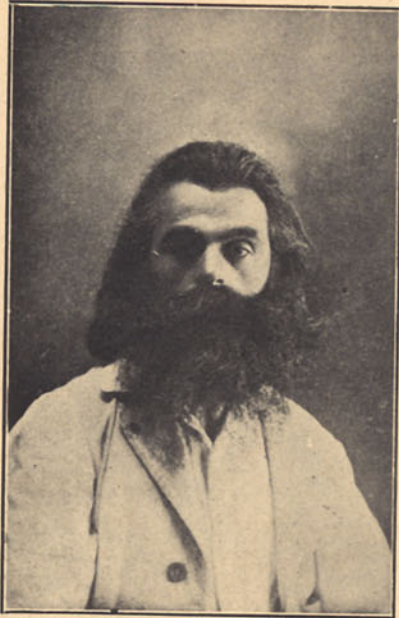
OH!
PÉS
QUE
ANDA-
RAM
DESCAL-
ÇOS!!...



Pé lépido e fresco, ao léu, calcuriando ruas e vielas desta velha Lisbon, ninguém mais adrega de te pé a vista em cima!! Ovarinas e guantos, arditas e colarejas, tudo sofre a municipal ordem de encerrar os pés em estôjos os mais variados, podendo, pela variedade, constituir o recheio do mais pitoresco e completo museu de coisas sem serventia. As nossas fotos representam, «à Marinetti», alguns momentos típicos desta grande tragédia de andar calçado; as que teem sapatos e os trazem na mão, como... documento para satisfação policial (1, 2 e 3) as que teem os pés chingados de tanto conforto da civilização (4, 5 e 6) e, finalmente, os momentos de alívio em que, pelos cantos da Ribeira, as ovarinas, as ovarinas, com grandes suspiros, atiram para longe os velhos chinélos e deixam ao léu, lépidos e frescos, os pés descalços que a lei proíbe (4 e 6).

(Fotos inéditas e exclusivas da «Ilustração»)

Terá um "stand" no Salão da "Voga" a casa GRANDE BAZAR DO PORTO, LTD., representante dos magníficos gramofones "His Master's Voice"



Eliezer Kamenetzky

Quando subimos ao segundo piso do prédio número quarenta e três da rua Renato Baptista, o sr. Elizer Kamenetzky, apregava peros e bananas no patamar da escada.

Os leitores não conhecem o sr. Eliezer? Imperdoável ignorância! Mas nós vamos apresentá-lo com o seu próprio cartão de visita, que temos sobre a nossa banca de trabalho:

Eliezer Kamenetzky

PROPAGANDISTA DO NATURISMO

Prescreve como meio de cura: Jejum — Dieta, Exercícios físicos, Auto-massagens, Banhos de sol, etc.

TELEF. N. 72

Rua Renato Baptista, 43-2.

Mas um cartão de visita, por muitos dizeres que contenha, como o do sr. Eliezer, pouco, muito pouco, conta da vida de um homem, principalmente quando esse homem tem quarenta anos de idade, é viajado e possui umas barbas grandes, veneráveis, já salpicadas de muitas brancas.

Não julguem tampouco que nos propomos, neste breve artigo, relatar a história de Kamenetzky. Seria uma loucura tão grande como querer encerrar um elefante numa minúscula caixa de fósforos. A sua história está escrita. Foi o próprio sr. Eliezer quem a escreveu, sob o título de *Memórias de um judeu errante*, e a illustre escritora D. Maria Ó Neil quem a traduziu em português. Falta apenas publicá-la.

Ao articulista foi reservada uma missão bem mais modesta, embora difícil: fazer uma resenha sucinta do que lhe sucedeu, viu e ouviu, certa tarde em que o propagandista do Naturismo o convidou para almoçar.

Estava, pois, o sr. Eliezer Kamenetzky a ajustar peros e bananas no patamar da escada, quando o jornalista, ao meio dia em ponto, hora prefixa, chegou para conversar e almoçar. Como o negócio não estivesse ainda no seu termo, o sr. Eliezer mandou-nos penetrar — e nós penetramos numa pequena sala, onde havia uma secretária antiga, um sofá e umas cadeiras estofadas que vestiam suas capas brancas, e muitos quadros de vários tamanhos, de factura arcaica, pendurados nas paredes.

E enquanto o sr. Eliezer, discordando do preço exagerado dos frutos, admoestava a vendedeira, na sua voz branda, exclamando: — «*Mausinha!* Três escudos por uma dúzia de bananas tão pequenas... — nós iam contemplando os quadros que representavam alguns santos e santas da corte do céu, em atitudes estáticas.

Mas como a porta da escada não era longe, as vozes do sr. Eliezer e da mulher que lhe vendia a fruta não deixavam de chegar aos

FIGURAS
EXCENTRICAS
DA
Nossa
TERRA

Eliezer Kamenetzky
Propagandista de "O Naturismo"
Prescreve como meio de cura: Jejum — Dieta — Exercícios físicos
— Auto-massagens — Banhos de Sol, etc.

Telef. N. 72

Rua Renato Baptista, 43. 2.

UM REDACTOR DA ILUSTRAÇÃO CONTA O QUE LHE SUCEDEU, VIU E OUVIU, CERTO DIA EM QUE O PROPAGANDISTA DO NATURISMO O CONVIDOU PARA ALMOÇAR.

nossos ouvidos. O naturista regateava os preços e parecia levar a melhor. Pensavamos que aquela habilidade na discussão provinha certamente do hábito que Eliezer contraira durante os anos que em Portugal se dedicara — e ainda dedica — ao negócio de *bric-à-brac*. Sim, porque só a pregar a regeneração da humanidade, pela abstenção do alcool, do tabaco e da carne, não é possível uma pessoa governar-se.

Entre o ideal e a realidade há quasi sempre uma distância tão grande como a que vai da Terra à Lua. É certo que, interrogado um dia sobre qual profissão mais lhe agradava, Eliezer respondera: «o cultivo dos campos e dos jardins». Não é menos certo que no seu folheto *Reflexos da minha alma* ele exclama, veemente: «A melhor das preces é o trabalho útil!» Mas... as contingências da vida afastam o homem do ideal. É por isso que ele, em vez de se entregar ao útil cultivo dos campos e jardins, compra e vende quadros antigos, velhas mobílias, poeirentos alfarrábios, lindas miniaturas. E se este seu trabalho, não é rigorosamente útil como ele humanitariamente recomenda, é, pelo menos, lucrativo e, a esta hora, se não lhe houvessem roubado setenta contos o sr. Eliezer, que chegou há oito anos a Lisboa pobre como Job, disfrutaria agora de uma agradável independência.

«É preciso — diz ele no já mencionado folheto — mais força de vontade para nos desfazermos do que possuímos, do que para adquiri-lo.»

Grande verdade é esta, dissemos para comosco nessa tarde memorável, ao contemplar o magnífico recheio da casa do humilde propagandista que, há anos, nós vimos exaltando a pobreza, a sobriedade e a distribuição equitativa das riquezas por toda a humanidade. Prêgava ele nesse tempo — cabeleira ao vento, dextra erguida — ali no largo de São Domingos onde os charlatães costumavam apregoar as excelências dos seus elixires.

Mas esse tempo vai longe, bem longe. Eliezer, não pensa por enquanto em dedicar-se, conforme o seu ideal, ao cultivo dos campos e jardins; pensa em declamar perante as multidões ávidas de beleza, suas composições poéticas, que ele escreve em prosa. Ele quer ser uma Berta Singermann — de barbas.

Recorda-nos de, uma noite, no Teatro Ginnásio, quando aquela grande declamadora veio pela primeira vez ao nosso país, Eliezer, num dos intervalos, nos ter aborlado no corredor e nos perguntar de choFRE:

— Que me diz o senhor: acha bem que eu me faça declamador?

Achámos bem. «Aquele que não é capaz de ver-se sem espelho, nem no espelho se verá» — disse algures o sr. Kamenetzky que, nessa noite, no Ginnásio, teve ocasião de ver-se ao espelho — verificando que a cabeleira era linda, a sua barba encantadora, o seu aspecto magnífico para, qual Berta Singermann, dominar os espectadores com a sua presença.

O sr. Eliezer acabara de apregar os peros e viera ao nosso encontro e, como o almoço tardasse e o apetite fôsse pouco, conviámos ambos em darmos um pequenos passeio até ao Jardim do Campo de Santana, onde falaríamos mais à vontade.

Pelo caminho foi-nos falando com muito entusiasmo no seu livro de memórias, pedindo-nos informes sobre a maneira de tratar com editores. Mas, pouco a pouco, a conversa foi derivando para a sua forma original e elevada de encarar a vida que, segundo afirma, é preciso viver com alegria.

Falámos de viagens. Das cinco partes do mundo é a Oceania a única que lhe falta conhecer. Aos catorze anos safu de casa de seus pais para longes terras... Começou então a conhecer o mundo. A sua vida é um labirinto de aventuras, um enigma que só a publicação de 600 páginas das suas memórias possivelmente desvendará.

Pedimos-lhe, ali no jardim florido, inundado de um sol acalentador de Primavera, que nos



Eliezer, apascentando um rebanho

Os mais luxuosos modelos de calçado a expôr no Salão da "Voga" serão os da SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CALÇADO ÉLITE, rei dos sapateiros

contasse um episódio curioso da sua vida. Ele acedeu. Cerrou os olhos para melhor descer ao fundo do seu pensamento a fim de trazer uma pérola da sua alma e recitou em voz melodiosa e branda:

— Quando regressava de Bombaim a Port-Saïd, o vapor em que viajava fundeu, de manhã, com um sol magnífico, na pequena Baía de Aedou.

«Nesse dia o ar era diáfano e vibrátil, vagamente dourado e as águas da baía tão límpidas e transparentes, que se podiam ver os peixes no fundo como através de um aquário de finíssimo cristal.

«Eu estava enleado na contemplação calma de tudo o que me rodeava e sentia intensamente a alegria exuberante de viver.

«No tombadilho, onde me achava, veio sentar-se ao meu lado com a sua vara de pescar um árabe macilento, de feições angulosas e duras. Toda a minha alegria desapareceu e, intimamente, insultava o pescador: Mau, deixa os peixes em paz! Eles também têm o direito de viver!...

«Depois de muito tempo, acercou-se do anzol um peixinho incauto, inexperiente, criança ainda, e mordeu gulosamente a isca. O árabe ergueu a vara de um arranco. Desprendeu o peixe do anzol e já se dispunha a abri-lo ao meio com a fôlha do canivete, quando intervim indignado:

«— Senhor, quero comprar esse peixe. Quanto quer por ele?

«— Um «peny».

«Dei-lhe o «peny» pedido e recebendo de suas mãos o pobre peixinho, depois de beijá-lo, atirei-o ao mar.

«Não me é possível descrever a alegria do pequeno animal, tornando ao seu elemento. Parece-me até que, ao mergulhar, fez-me com a sua cauda, ligeiro, um gesto de agradecimento.

«O árabe, espantado, pediu-me explicação do meu acto. Eu expliquei-lhe sorrindo: Esse peixe é um animal como nós. Vendo o dia tão lindo, talvez, pediu aos seus pais licença para passear, mal sabendo a terrível aventura por que ia passar. Neste momento ele estará contando, quasi sem fôlego, aos seus, espantados, como foi arrancado do seu elemento por um árabe sem alma e como foi por mim milagrosamente salvo.

«De modo que, no fundo do mar, há de se espalhar a notícia de que sobre a terra nem todos os homens são assassinos e maus.»

Assim falou Eliezer Kamenetzky. A sua parábola era bela, profunda. Entretanto parecia-nos mais útil que o peixinho espalhasse pelo fundo do mar a notícia de que o melhor isco oculta quasi sempre um anzol traiçoeiro.

Ora, o sr. Kamenetzky é partidário do nú — do nú integral, do nú higiénico para ambos os sexos. E esta teoria já lhe tem ocasionado alguns dissabores. Há anos, ainda antes da guerra, em Nápoles, por um domingo à tarde, envolveram-se num lençol e foi passear para a Villa Nazionale, jardim muito concorrido. Em breve o cercou uma compacta multidão curiosa, que ao vê-lo com a sua grande barba de Nazareno, exclamava:

— É Cristo! É Jesus Cristo ressuscitado!...

Um pretoreano, isto é, um polícia, deitou-lhe a mão e levou-o para o posto, só o soltando mediante a promessa de que não voltaria a vestir-se com tão pouca roupa.

De outra vez, ainda antes da guerra, no começo do verão de 1914, Eliezer Kamenetzky embarcou para Nova York. Andava então em mangas de camisa, sem colarinho, cabeça desatada, e usava umas cuecas curtas por cima do joelho. Ao vê-lo naquele estado os outros passageiros quiseram dar-lhe umas calças, umas botas e um casaco, lamentando a sua pobreza, e dizendo que, assim, quasi nú, não o deixariam desembarcar no Novo Mundo. O naturista não transigiu e apresentou-se com aquela hipótese de vestuário às autoridades americanas, que imediatamente o detiveram e mandaram examinar por hâbeis psiquiatras. Julgavam-no doído, mas o sr. Eliezer afirmava que não estava, discutindo com os médicos arrojadas teorias, a pontos do caso constar e vários curiosos americanos o visitaram para o conhecerem. Os jornais exploraram o assunto afirmando que o russo não era doído e, apesar de estrangeiro, tinha direito a ser pelo menos tão excêntrico como qualquer cidadão americano. De Washington veio então ordem para que ele andasse em cuecas por onde lhe aprovesse — e Eliezer andou.

O carinho que vota aos animais é mesmo que

vota às plantas — apenas com uma insignificante diferença: aos animais defende-lhes a vida, condenando que a humanidade deles se alimente; às plantas... colhe-as e devora-as com prazer. Come os frutos e as fôlhas, mas respeita as flores. As flores não se comem, as flores nem sequer, segundo a sua elevada teoria, se devem arrancar da haste. Há uma excepção: a couve-flor. Esta não merece a sua piedade...

«Eis uma parábola que bem exprime a sua ternura pelas flores delicadas, de embriagantes perfumes:

«Uma rosa encantadora, embalada com afagos de enamorada e longínqua brisa, exposta aos beijos do sol, dormia na sua haste sonhando doces amores.

«Coitadinha, não sabia a pouca ventura que em breve a esperava.

«Uma donzela, vendo a rosa tão linda arrancou-a do seu brço.

«Cruel donzela! Cometestes um crime! Tu não vês, tu não sentes, como a pobre rosa geme e chora, sofrendo horribéis agonias?

«Foi então que a jovem aflita, implorando com mãos erguidas ao céu, rompeu em pranto e exclamou: — Meu Deus! Meu Deus... perdoai-

Se os leitores, pelo menos para não nos comprometerem, não se enfadarem, reproduzimos mais uma pequena poesia, muito original, para cujo sentido filosófico chamamos a vossa atenção:

*Lua cheia, cheia de graça
Minha irmã, pálida e triste
Tu pensativa percorres o céu
Como eu em pensamentos pelo mundo inteiro.
Tu empalideceste
E enristleceste
Por ver do céu o mundo corrompido.
E, eu em procura
Dum mundo novo
Paíro mais alto do que tu no céu.*

A despeito desta veia poética, Eliezer é um celibatário. Ambos a caminho da Baixa, após o almoço, ele entrava já neste campo melindroso das suas confidências. Ele era um celibatário. Porque? Porque o seu coração não fosse uma fonte preñhe de ternuras? Não, pelo contrário. Eliezer é um amoroso. Ele próprio o confessava:

— Apaixonou-me com muita facilidade. Mas...



Para Eliezer é grata a companhia dos pequenos e inocentes, sob a protecção da natureza...

—me meu amor egoísta que matou a pobre rosa! Foi então que a rosa lhe sorriu, e expirando o último suspiro concedeu-lhe o seu perdão.

«Desde então a linda jovem nunca mais arrancou flores, e diz a toda a gente que é um crime arrancá-las, porque elas sofrem, pensam a amam como nós.»

Esta ternura pelas plantas fez-nos pensar no almoço. Regressamos conversando a casa do antiquário naturista onde nos foi servido um belo prato de couves, grão e arroz cozidos, acompanhado de uma salada de chicória e rabanetes. No fim, passas, bananas e peros — as bananas e os peros que o sr. Eliezer apregava no patamar da escada quando nós chegámos.

Durante o almoço poucas palavras trocámos; a nossa atenção era toda absorvida pelos pobres vegetais que os nossos dentes trituravam cruelmente; mas depois, finda a refeição, Kamenetzky mostrou-se mais romântico, mais sentimental, recitando-nos versos da sua autoria, versos que não rimam, versos brancos, dos quais respigamos um para amostra:

*O remorso tem mais olhos
Do que o céu estrelas.
Quem tem remorsos
Sofre mais
Do que Cristo na cruz
O Cristo sofreu horas
Quem tem remorsos
Sofre a vida inteira.*

Mas as mulheres receiam ligar ao seu o seu destino. Não têm coragem moral de defrontar-se com o público junto de um marido tão extravagante como o naturista. É lamentável, mas Eliezer não se lamenta de uma maneira absoluta. Em parte felicita-se — porque ele sente que não seria capaz de pertencer a uma só mulher. O homem que preceitua para regeneração da humanidade o jejum, o trabalho, o naturismo e a castidade, é... polígamo.

— Defendo a poligamia — dizia-nos o naturista, ali por alturas da rua da Palma, precisamente no instante em que uma mulher se acercava d'ele e, enquanto nos afastávamos discretamente, lhes murmurava qualquer recado. Estiveram conversando um bom pedaço. Nós, lá longe, esperávamos.

Por fim, separaram-se e o poeta, cofiando a sua barba de profeta, o olhar scintilante, confidenciou-nos:

— É curiosa, muito curiosa esta mulher... Marcámos um «rendez-vous» para quarta-feira...

Quando, nessa tarde, nos despedimos amistosamente do nosso amigo Eliezer Kamenetzky, não sabemos porque motivo se repetia na nossa memória esta profunda sentença, que lemos no seu já célebre folheto:

«Ninguém me pode insultar senão eu a mim próprio.»

MÁRIO DOMINGUES.

ALINE, perfumistas de Paris, apresentarão os seus produtos no Salão da "Voga"

O "VASCO DA GAMA," E O "BAHIANO," DERRADEIRAS IMPRESSÕES DA EXCURSÃO DO "SPORTING,, AO BRASIL

(Do nosso enviado especial)

O encontro disputado pela «equipe» sportinguista à seleção carioca, que devia fechar o ciclo das exhibições footballísticas portuguesas era para nós todos, nos dias que o antecederam, motivo de sérias apreensões.

Devendo realizar-se em um dia de semana, o jogo teria lugar às 9,30 da noite, à luz de poderosos reflectores electricos, com é hábito no Rio de Janeiro. Para os nossos jogadores o facto

trica estava por fazer, os trabalhos demoravam e, protelada de noite para noite, a experiência perdida não vinha.

Na antevéspera do jogo, cansados de esperar, lançámos um ultimatum: caso nos não fosse facultado um treino, não jogariamos na data fixada.

E foi assim que, na própria vespera do encontro, com a iluminação ainda incompleta,



A entrada do «Vasco da Gama»



Estádio do «Vasco da Gama» — Bancada geral

alimentava uma boa disposição de todos, que os factos justificaram.

A exhibição fornecida contra o combinado carioca foi a melhor dos portugueses e, não fóra a infelicidade de remate dos nossos avançados, teríamos conseguido a vitória que bem mereciam os jogadores pelos seus esforços constantes.

Batida por 3-0 a vinte minutos do fim, tendo visto perdidas as mais seguras ocasiões de marcar, a «equipe verde-branca» lutou sempre com a mesma energia e persistência, conseguiu firmar intenso domínio sobre o adversário e furlhe duas vezes as redes. Este reviramento final dos nossos rapazes teve o condão de entusiasmar o numeroo público que aplaudiu o nosso último «goal» com a maior ovação que tenho ouvido e que rebou na noite serena como o desencadear de súbita trovoad. Findo o encontro a multidão invadiu o terreno e os portugueses foram trazidos em ombros para os vestiários, por entre aclamações vibrantes e sinceras.

Para despedida, a alma do povo brasileiro dava aos desportistas portugueses o testemunho do seu apreço numa manifestação carinhosa que todos guardamos com saúde, porque a sentimos como uma homenagem espontânea, e por isso mais preciosa, ao valor do futebol português do qual a embaixada não desmerecera.

Os portugueses deixaram no Rio a impressão de possuírem uma boa técnica mas uma escassa eficácia.

Os avançados brasileiros, ao contrário dos nossos métodos, não esperam a aproximação das balizas para rematar; apontam com frequência de fora da área e, quando dentro desta, «shootam» de qualquer maneira, sem delongas nem passagens. Por isso se tornou notada a len-

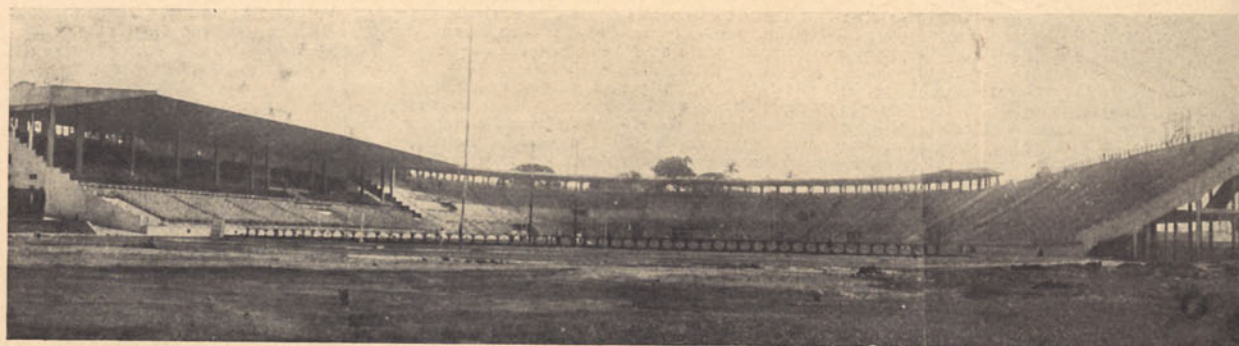
stituía completa novidade e ninguém podia ao certo avaliar qual a influência que as condições anormais da iluminação artificial poderiam ter sobre o rendimento efectivo do grupo português. Juntemos a esta incerteza o valor seguramente maior do adversário e teremos razões suficientes para justificar as referidas apreensões.

Procurou-se com larga antecedência conseguir alguns treinos nocturnos mas a instalação elec-

os «leões» puderam ensaiar no estádio do «Vasco», as condições do seu «match» de maior responsabilidade.

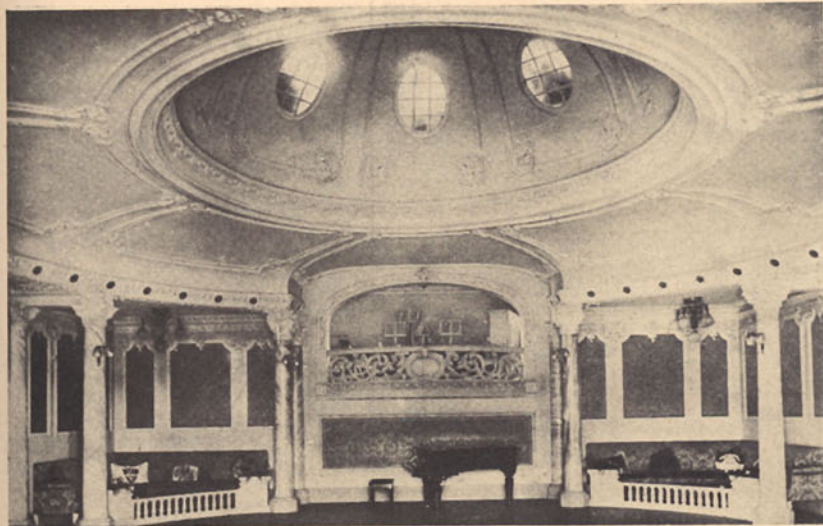
A impressão, sem ser de perfeito à vontade, foi contudo lisonjeira; os rapazes não estranharam demasiado, notando apenas uma certa dificuldade na apreciação da exacta distância da bola, o que sobretudo era grave para Roquete.

No geral a confiança persistia, e a esperança



Vista geral do majestoso Estádio do «Vasco da Gama»

FRIGIDAIRE, o magnífico frigorífico-conservador, estará em lugar de destaque, trabalhando, no Salão da "Voga"



Club Bahiano de «Tennis» — O salão de baile

tidão das combinações finais dos portugueses, em todos os encontros muito infelizes e abaixo da sua eficácia normal.

A defesa lusitana mereceu, pelo contrário, gerais aplausos e louvores; Carlos Alves, António Roquete e Jorge Vieira foram, pela ordem indicada, sempre elogiados, deixando o renome de grandes jogadores, de resto justificado pelas suas exhibições.

Para a imprensa carioca o herói da «equipa» foi porém o Serra e Moura, apontado por vezes como o melhor homem em campo e sempre como elemento de grande destaque; no entanto o médio centro português — exceptuando talvez o encontro com o «Vasco», em que foi enorme — jogou aquilo que habitualmente joga, mas as suas constantes actividade e energia, a forma como anulou os perigosos avançados centros que lhe opuseram, impressionaram os críticos por serem qualidades características do seu futebol. Serra e Moura mostrou-se o mais brasileiro dos jogadores portugueses, e por isso o mais compreendido.

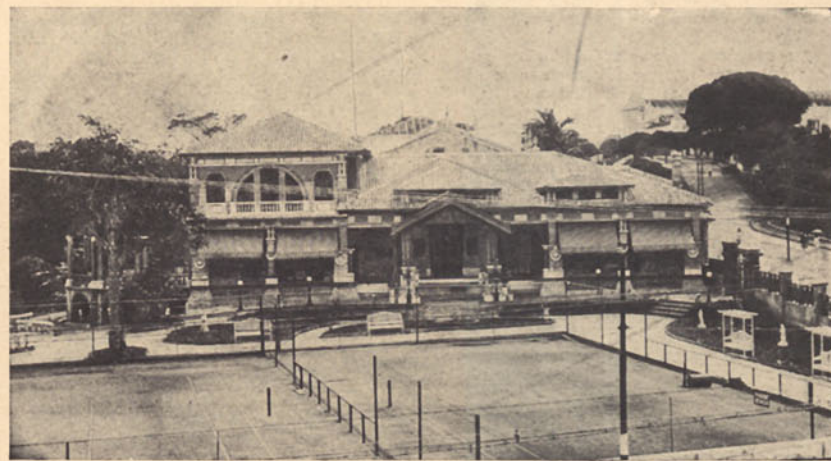
Além destas figuras de maior destaque, merecem referência, Martinho de Oliveira que a meu ver as igualou, João Francisco que foi o médio dos seus tempos de internacional, Armando Martins, João dos Santos e Abrantes Mendes, os três avançados que se salvaram na linha. Dêstes, os dois primeiros foram os grandes jogadores nossos conhecidos, esforçando-se e lutando com rara coragem.

O ESTÁDIO «VASCO DA GAMA»

O automóvel conduz-nos pelo dedalo da cidade, afastando-nos do centro moderno e ver-

iginoso, para atravessar ruas pacatas dos bairros exteriores, ruas com um certo ar conhecido de cidade provincial portuguesa.

O «Vasco» fica lá longe, quasi no extremo



No «BAHIANO» — Aspecto geral da sede e campos de jogo

do povoado, nuns terrenos que antes da sua edificação eram de um suburbio ignorado e sobre os quais a grande força impulsiva do desporto

dor, ao qual será vedado para sempre o prazer do repouso visual na contemplação dessa rasgada de horizonte, desde o casario modesto dos primeiros planos à cortina de fundo dos montes negros e caprichosos da Tijuca.

O campo do «Vasco da Gama» compreende um terreno relvado para «foot-ball», cercado por uma pista de carvão para corridas, cuja recta final atinge duzentos metros. Aproveitando as cabeceiras tem, ao norte, um campo de «basket-ball», e ao sul as caixas e recintos de saltos.

A vastíssima tribuna que cerca por três lados o campo, é dividida em três corpos. A arquibancada, paralela ao lado occidental do terreno e igual a elle em comprimento, é inteiramente coberta por um enorme alpendre de cimento armado, material este empregado em exclusivo para a construção de todas as obras de arte. Esta bancada é toda ella occupada por cómodas cadeiras, em 32 successivas filas, separadas a meio por uma linha de 80 camarotes, e cuja parte central é reservada aos representantes da imprensa, aos quais são destinados cómodos lugares, com cadeiras e instalação telefónica.

Por sobre estes lugares, dominando o corredor da entrada principal, fica a tribuna de honra.



No «BAHIANO» — Sala de chá e terraço

TATA, «chapiers en vogue», Rua de S. Nicolau, serão triunfadores no Salão da «Voga»

A cobertura apoia-se sobre catorze colunas, implantadas a seu nível.

Continuando esta, a tribuna semi-circular da cabeceira é constituída por trinta degraus, terminando em cima por um arco de 102 vastos camarotes. Esta tribuna é coberta até meia profundidade.

Finalmente a bancada de geral, fronteira à arquibancada, e de idênticas dimensões, tem cinquenta e cinco degraus sucessivos, sendo inteiramente descoberta.

O club possui ainda, ao tópo livre da arquibancada, dois «courts» de «tennis».

As instalações sociais, nos baixos da arquibancada estão ainda despovoadas; falta-lhes mobiliário. Grandes salas, gabinetes, tudo claro, amplo, cheio de luz, mas frio na nudez das quatro paredes esbranquiçadas. Apenas, numa ou outra sala alguns quadros pendurados, e um gabinete pronto, o do director sportivo.

Magníficos vestiários; dormitórios para os jogadores de «foot-ball» e para os atletas, estes para aproveitamento do treino matinal.

Para terminar, um detalhe pitoresco: desde a sua inauguração, o Estádio do «Vasco» não encontrou chuva num dia de festa sua. O facto é atribuído à intervenção de S. Pedro, patrono da colectividade e seu sócio benemérito. O curioso é que o Santo possui carteira de sócio, com seu retrato colocado, tal como qualquer bom burguês que pague cota mensal.

O CLUB BAHIANO DE TENNIS

Não é apenas o Rio de Janeiro que possui formosas instalações desportivas, e parece que o mesmo bom gosto se espalhou um pouco por todo o Brasil, ao serviço da riqueza que, neste país, é para o desporto generosamente pródiga.

O acaso de uma escala do «Andes» na viagem de regresso, proporcionou-me uma rápida descida de algumas horas nocturnas na Baía e a surpresa agradável de aí encontrar um pequeno Fluminense: o Club Bahiano de Tennis.

Leva-nos o automóvel pelas ruas largas e modernas da cidade, durante alguns minutos e deixa-nos no portão do club, frente a um formoso edifício de pitoresco recorte, que é sua sede.



Banquete de despedida aos jogadores do Sporting que no Brasil representaram o foot-ball português onde se vêem, além das individualidades dirigentes da excursão, prestigiosas figuras do desporto brasileiro

Curiosíssima, esta sede; espécie de luxuoso «bungalow», todo janelas, por onde o ar e a luz devem circular a jorros, não oferece a riqueza esmagadora do colosso carioca mas encanta-nos pela sedução do conforto, da variedade, do bom gosto.

Salão de leitura, «bar» e sala de chá com suas cadeiras e pequenas mesas de vime polí-cromo; o encantador salão de baile circular, alvo como neve, espelhante como um lago, sorriem-nos ao olhar na sua acolhedora simplicidade. Dentro do edifício não há uma nota discordante.

A noite, escura e densa, presta-se pouco à apreciação do exterior; no parque fronteiro à sede, de ruas areadas, canteiros de relva unida onde alvejam estátuas, alinham-se quatro «courts» de «tennis»; em volta, sob copadas árvores, que se advinham frondosas, peçadas de folhas no tom forte do verde tropical, recantos de densa sombra, agora húmidos da ausência do sol, dão guarida a bancos, albergam miradouros. Ao tópo do edifício um gran-

de terraço poligonal, coberto de perfumadas trepadeiras, deixa-nos a saudade de o não podermos aproveitar no esquêcimento de uma deliciosa Capua.

O tempo corre porém, e o paquete não espera; accelera-se a visita, escrevemos duas palavras amistosas no livro dos visitantes e falamos voltando para trás um olhar cubiçoso, como se pudéssemos fixar perpétuamente na retina mais uma visão de encanto, sobrepondo-se às muitas que levamos connosco ao partir deste país de sonho e de maravilha.

E quando, mais tarde, no horizonte se perderem os últimos recortes da costa brasileira, que melancolicamente seguiremos da amurada com o olhar perdido, lançar-lhe hemos um saúdoso adeus, na evocação dos seus encantos e da sua fraternal amizade, um adeus que em nosso espírito pronunciamos «Até à vista!», e que a nossa alma deseja muito breve, na esperança de voltar, de reviver, de admirar...

SALAZAR CARREIRA.



Uma bela fotografia da missão desportiva que foi ao Brasil. O comandante do paquete tendo nos lados os nossos camaradas Cândido de Oliveira e dr. Salazar Carreira, o presidente do Sporting, sr. Soares Pinto, e o capitão do «team» Jorge Vieira. Atrás, todos os jogadores portugueses

No Salão da «Voga» estarão expostos os maravilhosos automóveis WILLYS-KNIGHT, marca de fama mundial

A CASA PORTUGUESA

A ANTIGA CASA DE DIOGO DE MENDONÇA
NO SÍTIO DA JUNQUEIRA—LISBOA



A origem da esplêndida vivenda, conhecida hoje por Quinta das Aguias, data dos meados do século XVIII e foi edificada pelo Secretário de Estado do tempo de D. José — Diogo de Mendonça Corte Real — que depois foi desterrado para Marrocos para expiar qualquer acção pela qual caiu no desagrado daquele soberano ou de seu potentíssimo ministro Sebastião José de Carvalho.

Depois do terramoto foi alugada ao príncipe da Igreja conhecido pelo Patriarca Manuel, que aqui se instalou com toda a pompa que competia a sua alta posição. Mais tarde, quando na posse de José Dias Leite Sampaio — depois Visconde da Junqueira — sofreu esta quinta importantes obras e de



então, cerca de 1841, datam provavelmente os pavilhões e gradeamento que constituem a sua principal vedação.

A casa é de nobres proporções, e, recatada a meio do frondoso arvoredo que a cerca, tem o carácter digno e português que debalde procuraríamos nos mais novos arruamentos da capital.

É hoje propriedade do sr. dr. Manuel Carøa.



(Fotos obtidas com aparelho «Kodak» autográfico)

A FOTOGRAFIA É UMA ARTE?



Dengosa...

Quem não conhece a beleza peregrina dos arrabaldes de Coimbra — Senhora-a-Linda da Paisagem maravilhosa?

Celas — a do Convento histórico, a vizinha surpreendente de Santo António dos Olivais e do acabrunhante Penêdo da Meditação, a da Cruz simples como aquela onde expirou o Nazareno, a da suavíssima paisagem clara e fresca como uma bica de água — tem-me agora, durante umas horas que decorrem breves como segundos que mal passam.

Anda, no ar, uma calma de pôr-de-sol de verão. Tudo está tranqüilo: nem o movimento duma folha de árvore. Nos campos, findam as faixas para o ganho do pão do dia. Dois bois, pacientemente, cansadamente, tiram água duma nora, conduzidos por um pequenito, em cujo olhar claro anda o desconhecimento das agruras da vida.

Ah, em frente à Cruz, há uma casa branca, de janelas verdes que olham curiosamente a paisagem, emolduradas por trepadeiras donde as flores tombam, cheias de graça, como que dispostas por mão de Artista de precioso lavor. Para essa casa, dirijo meus cansados passos de vagamundo.

Entro num jardimzinho, onde duas crianças correm, brincam e cantam. E vem-me o desejo de ser como elas, de pôr ao largo a vida, saltando, correndo, gritando, cantando — o desejo que é, mais que todos, impossível de ver-se satisfeito, o sonho que não tem realidade. As crianças, duas meninas que lembram duas infantas, vendose surpreendidas em seus divertimentos por um estranho, tomam um ar importante e gracioso de Senhorinhas compostas.

— O Papá está? — pergunto-lhes.

— Não sei! Vou vêr — responde-me a mais velha. (Perdião! A mais crescida. Como se, na criança pudesse andar a idéa do péso dos anos!). E é correndo, já entregue de novo à paixão da liberdade, que desaparece dos meus olhos, por entre os canteiros floridos.

É um instante que espero. Volta num momento e, senhorialmente, fazendo as honras do seu jardimzinho encantado, conduz-me até uma porta verde, a cujo limiar me atende o professor dr. Rocha Brito, lente catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, professor e artista naquele seu ar de cordialidade que prende e encanta. Já sabe ao que venho: a entrevista está-me concedida há alguns dias.

Entramos em casa. No shall, noto logo duas coisas que andam arredadas de quasi todas as casas portuguesas: bom gosto e comodidade.

FALA À "ILUSTRAÇÃO", O PROFESSOR DE MEDICINA ROCHA BRITO, ARTISTA DA FOTOGRAFIA

(Fotos do entrevistado)

— Entre, meu amigo!
Encontro-me num escritório pequeno que olha o jardim por duas janelas. Ouve-se o retinir dum telefone. Vem chamar.

— Dê-me licença! Uma simples indicação a um doente!

Fico só. Olho à minha volta. Suspensos das paredes, quadros. Há, a um canto, uma secretária sobre que descansam, numa ordem que me faz inveja, meia dúzia de livros. Há um aconchego, dado pelas estantes que cobrem, até meio, três paredes: livros, livros e mais livros. Parece-me, vista a ordem que reina no ambiente, que não eston no escritório dum médico. Nada, ou quasi nada, denuncia o estúdio da sifilografia. Olho as estantes! Ao lado dos volumes de sifilografia e filosofia-médica, ao lado de Tarand, Freud, Lerédde e Guibout, vejo Anatole France, Paul Bourget, Giovanni Papini, Vargas Villa, Vitor Hugo, Rousseau, Montaigne, Eça de Queirós, Herculano, Fialho, Garrett e quantos mais!... Há uma estante que chama a minha atenção: contém tratados de fotografia, o que mais me interessa, hoje.

O dr. Rocha Brito volta, com um sorriso nos lábios!

— Desculpe! Agora, tem-me ao seu dispor! Tem reparado na insistência com que olho os



Riso franco...

— Enganou-se, sr. Doutor! A fotografia também pode ser um optimo motivo para uma entrevista: não lhe parece?

— Talvez... Mas olhe que eu sou um simples amator...

Olho os quadros que estão pelas paredes e fico dando maior valor aos artistas amadores do que aos artistas profissionais.

Sentamo-nos e entramos em plena entrevista. — Considera V. Ex.^a a fotografia um passatempo, ou uma arte? — pergunto.

— Um passatempo e uma arte. A vida exaustiva de trabalho que levo necessita de ser tornada agradável, por qualquer forma. Nós, os médicos, pela qualidade dolorosa do nosso trabalho, necessitamos de dedicar a nossa actividade a outros passatempos. São a sublimação e a dispersão de que nos fala Freud. Veja! Em todos os tempos, em todos os países, a medicina tem dado numerosos artistas. Aqui mesmo, em Portugal, quantos exemplos frisantes temos! Se as musas não fazem mal aos doutores, mal não lhes fazem, também, as outras musas inspiradas de outros ramos artísticos. A fotografia, a que me dedico há anos, dá-me grandes prazeres. Há pouco ainda, em França, houve um autêntico e grádioso Salão, a que concorreram os melhores nomes da medicina, com pinturas, desenhos, baixos-relievos, águas-fortes e fotografias. Alguns, revelaram-se como autênticos artistas!

— É a fotografia como arte?

— Houve, de facto, contra a fotografia, uma grande campanha levantada pelos artistas, que não viam uma arte na mera e simples cópia servil da Natureza. Estou de perfeito e absoluto acôrdo: a fotografia, como cópia de qualquer motivo interessante, não pode, nem deve ser considerada uma Arte, mas simples e unicamente um passatempo, onde pode ser mostrada uma maior, ou menor habilidade. Hoje, porém, não acontece o mesmo. A fotografia dispõe, actualmente, de processos técnicos e artísticos, deixando, por isso, de ser apenas uma reprodução exacta do natural: os processos do bromóleo, do carvão, do ozobromo, da goma, da color, da resinotipia, permitem considerá-la uma verdadeira arte. A máquina é, para nós fotógrafos, o mesmo que um piano é para um pianista, a tela e as tintas e os pinceis para um pintor, o papel e a pena para um escritor. Como o poeta, o pintor ou o pianista, temos de procurar os motivos. Sobre o motivo, conforme o nosso gosto artístico, pelo que de nós próprios pomos na realização, fazemos arte. Num bromóleo, numa goma, o que se faz senão



Minaretes e turbantes...

volumes de fotografia e inquire: — Interessam-no, êsses volumes?

— Naturalmente. Mesmo sobre a fotografia, desejaría hoje ouvir V. Ex.^a.

— Sobre fotografia? Que me diz? Mas eu julgava que o interessariam mais os meus trabalhos médicos.

COMPANHIA INDUSTRIAL PORTUGUESA — Que exporá no Salão da "Voga"
os seus artefactos de finíssimo vidro, orgulho da indústria nacional



O Museu Machado de Castro

arte? Não põe ali o seu autor uma ou outra interpretação sua, diferente da Natureza, conforme lhe dita o seu gosto? Diga-me se não são verdadeiras obras de arte estes trabalhos!

— Tenho, ante meus olhos, reproduções fotográficas, gentilmente colocadas pelo meu entrevistado.

— Mortimer, Poyo, Machy, Échague, Misonne, são grandes artistas!

— Fixo a minha atenção em dezenas de trabalhos. Despertam-me emoções, as mais variadas. Olho os bromóleos e as gomas que estão suspensas das paredes, da autoria do professor Rocha Brito. Não tenho mais dúvidas. Os meus olhos e qualquer coisa que vem de dentro de mim dizem-me claramente que *aquilo é arte*. Nas obras que vejo, predomina a paisagem. Faço uma pergunta escusada:

— Qual o motivo que prefere fotografar?

— A paisagem. É, sem dúvida nenhuma, o que se presta a uma maior interpretação da parte do autor. Não quero isto dizer que despreze o retrato e a figura. No entanto, o meu maior interesse é para a paisagem.

— Será fotogénica, a paisagem portuguesa?

— Intensamente fotogénica! A luz é preciosa. Temos todas as cambiantes da verdura, todos os aspectos de relevo do terreno, — planície, montanha, rios serenos e impetuosos, uma orla de costa extensa, com todos os aspectos que o mar pode dar-nos, pôres-desol fébricos, praias suaves e cheias de rochedos, como a Praia da Urça e a Praia da Rocha, sem rivais. Sem dúvida nenhuma, Portugal é um país eminentemente fotogénico. Luz a jorros, toda a extensíssima gama do espectro solar, todos os matizes da forma, sinfonias de luz, harmonias de cor, perspectivas admiráveis que mais queremos?

— E a fotografia no cinema?

— Já tem uma formidável aplicação. E haverá quem negue que ela faça com que o cinema seja considerado uma Arte? É verdade que a cinematografia está ainda longe de alcançar uma perfeição absoluta. Sem que néle haja, ainda, a fotografia a cores e a estereocinematografia, veja o que já se consegue! E, com os retardadores, o que nos foi revelado?! Vieram provar, por exemplo, que os quadros dos melhores pintores, com representações lípicas, estavam lamentavelmente errados. Na neurologia são um precioso auxiliar. A marcha tabética, os movimentos da atetose são registados com todo o rigor. A mímica patológica da face deixa de ter segredos. Para o exame do sangue, temos a microcinematografia.

— E tem a fotografia ainda outras aplicações?

— Quantas e quantas?! Na parte científica, a microfotografia, a fotografia astronómica, na documentação de estudos e viagens, no cadastro, etc...

— Está a fotografia desenvolvida em Portugal?

— Pouco, relativamente. Faz-se a fotografia documental, preocupando-se, no entanto, poucas pessoas com o lado artístico. Deixe-me citar-lhe o professor dr. Oliveira Lima — da Universidade do Porto — Alvão, dr. Ricardo Jorge, Santos Leite, S. Paio, o conde de Mendia, o dr. Evaristo Jorge, dr. Samuel Maia, o dr. Ferreira Alves, o grande poeta Lopes Vieira e João Carlos, que se dedica com igual mestria a todas as artes. Dadas as excelentes qualidades do nosso país, muito mais poderia fazer-se, trabalhando-se com vontade firme. Hoje, que tanto se fala entre nós em fazer a pro-

paganda do nosso país, porque não se organiza uma grande album fotográfico que possa, bem espalhado pelo estrangeiro, atrair a curiosidade dos que viajam, procurando belezas naturais e artísticas? Temos pontos de vista admiráveis, monumentos vetustos que exemplificam os mais variados estilos. Veja a românica Sé Velha! Onde há melhor, na Europa? Velhos castelos, por exemplo esse Castelo de Almourol, cujos aspectos, conforme a luz, o ponto de vista, ou a hora do dia, assumem por vezes fantasmagóricas variações de imagem!

— E julga V. Ex.^a que as diversas correntes modernas da arte caem dentro da fotografia?

— Absolutamente! Na fotografia, como nas outras artes, há os inovadores que dão largas às suas idéas, nos seus trabalhos. E conseguem maravilhas! As correntes da moderna pintura estão todas representadas na fotografia, quer pelos motivos, quer pelas composições. Os próprios futuristas estão nela integrados, produzindo obras cariosíssimas. Quere vêr? — E, uma vez mais, obsequiosamente, são-me mostrando albums que tiram a prova real aos dizeres.

Após, tenho ocasião de admirar a vastíssima obra do meu entrevistado: albums, albums e mais albums... Os mais diferentes motivos estão ali tratados.

— Não é interessante? Folheando estas páginas, revejo anos da minha vida! Aqui tem uma mesquita marroquina! Biarritz, em plena concorrência! Paris! Coimbra! Praia da Rocha! Com que interesse se acabam estes trabalhos! Sempre que parto para uma viagem, grande ou pequena, uma máquina acompanha-me.

Na escôlha dos motivos que ficarão para sempre gravados, no arranjo do clichê, na revisão duma paisagem a que nos liga certa recordação suave, dum tipo que nos interessou, que encanto existe! Com que amor se olha tudo isto! O praser que há em rever o que já se foi!

Escolhem-se variadas provas, para serem publicadas. Tenho o praser e a honra de apresentar ao público o grande artista professor Rocha Brito. E o público deve ter grande honra e grande praser em conhecer os seus trabalhos.

É noite. A luz electrica já se fez há muito. São horas de sair. O professor Rocha Brito acompanha-me.

Cá fóra, as duas infantas já não brincam. Ovem, talvez, alguma história de princesinhas encantadas e guerras e gigantes, como eu ouvi, como todos ouvimos, com agrado infinito antes de adormecer, contadas por uns lábios suavíssimos de mãe.

O Luar, que tem surgido, bate na Cruz, dando-lhe um aspecto fantástico. Impressionado, decididamente marcho para a reconquista de Coimbra, Senhora-a-Linda da Paisagem Maravilhosa...

ALBERTO DE SERRA.



Com anos...

A CASA CHINESA — da Rua do Ouro — a melhor casa de chás, cafés e porcelanas orientais, concorre ao Salão da "Voga"

MODA E CINEMA

REFERIMOS-NOS no último número ao papel que o cinema tinha na divulgação da moda. Devemos, porém, frisar uma coisa

filmes parisienses são os que mais belas coisas trazem em capítulo de modas. Os cineastas franceses (salvo honrosas exceções) ignoram o *charme* da simplicidade na moda e na decoração. Por isso as suas elegantes do filme cheiram sempre, à léguas, a manequins profissionais ou a cortezãs de mau gosto, tal o delírio de luxos ostentosos que nos mostram e evoluem, em geral, em interiores de mesquinha aglomeração de pormenores bonitinhos que dão cabo das mais belas linhas decorativas. São os americanos, simplificando as coisas que aos europeus parecem mais simples, que apresentam nos seus filmes mais lindas mulheres, mais despretenhosamente bem vestidas, evoluindo e vivendo em decorações do mais perfeito e saudável bom gosto. As fotos que damos nesta página mostram-nos algumas das



Júlia Faye, a encantadora artista de «Meet the Prince», com um precioso vestido de passeio para o Outono



NO OVAL, ao centro: — Lina Bascuette, numa das «campa» de Cecil de Mille, com um precioso «manteau» em lamé dourado e seda azul Sèvres na gola



NO OVAL, à direita: — Um sugestivo «deshabillé» de rendas de seda pretas e setim com que Júlia Faye aparece num dos seus últimos filmes de arte



bem terminantemente. Por muito paradoxal que isto pareça, não nos queremos referir aos chamados filmes de modas nem, em especial, aos filmes de indústria francesa. Os filmes de modas, coloridos à mão, cheios dum postigo encanto de manequins vivos posando sensaborosamente em quadros dum tólo preciosismo, não podem encantar ninguém. O menos que produzem é o bocéjo, quando não forcem à deserção. Tão pouco os

beauties mais elegantes e... provocantes. Outras há, muitas, que rivalizam com estas. São célebres pela elegância, as *toilettes* das Talmadges, de Pola Negri, das irmãs Costello, de Leatrice Joy, Florence Vidor, Louise Brooks, Clara Bow, Madge Bellamy, Claire Windsor, Eleanor Boardman, etc.

E, coisa curiosa, tólas estas e muitas outras «estrelas», são igualmente formosas quando resumem o seu luxo de *toilettes* a um pijama indisereto ou uma hipótese de *maillot* de banhos. Mistérios da tela... e da moda!...

FRIGIDAIRE, o magnífico frigorífico-conservador, estará em lugar de destaque, trabalhando, no Salão da "Voga"

LUÍS DE

OTEYZA

O JORNALISTA

ERRANTE...

Há muito que li, algures, nem sei onde, a afirmação de que todo o homem que tem necessidades espirituais e mentais tem, forçosamente, ambições grandes e que a característica dos altos espíritos é a insatisfação perante a realidade em que decorre suas vidas. Nada de mais falso e absurdo. Se há, na verdade, muito homem de talento justamente ambicioso de passar além dos limites em que a vida o confina, outros há que atravessam a vida, desperdiçando talento às caradas, com um sorriso de fina tranquilidade nos lábios, contentes com o que são e mais, orgulhosos de o serem. Eis o caso de Luís de Oteyza, querido amigo nosso, amigo sincero dos portugueses e cujo nome admirado, por muito tempo veio, em fortes letras, no alto da *Libertad* o excelente diário de Madrid. Este jornalista, a abarrotar de talento, de vocação e de generosidade mental, nunca ambicionou ser mais do que jornalista, mas jornalista dos autênticos, isto é, nem filósofo pesado de artigo doutrinário, nem literatêlo melodioso da crónica frívola, vazia e feita de embrechado ridículo de palavras óas. Luís de Oteyza quis, quer e há de querer enquanto

a sua ágil robustez lho permita, exercer, com todos os seus riscos, as suas vicissitudes, as suas contingências, a profissão de jornalista, escalando-lhe os mais altos lugares por direito de conquista numa luta franca, descoberta, tão franca como o seu olhar de amigo, tão a descoberto como fa o seu peito de homem livre e consciente quando afrontou os imensos perigos do Marrocos misterioso, do Riff inimigo... Porque, não sei se sabem... Oteyza, jornalista espanhol, durante o mais acéso da guerra do Riff, visitou, entrevistou o temível Abd-El-Krim, caudillo dos marroquinos inimigos!... Mas... vamos por partes. Diziamos nós que Luís de Oteyza escalou, pelo seu próprio esforço, e, o que é mais notável, sem empurrar ninguém, o mais alto logar do jornalismo espanhol e as credenciais de um dos primeiros jornalistas do mundo. E é, efectivamente assim. As suas obras, após as primeiras poesias, dum maravilhoso recorte, são obras dum jornalismo puro e de tal sorte recortadas que se tornaram indispensáveis, como obras de consulta, a todos

Luís de Oteyza quando da sua
(Foto)



viagem ao remoto Japão.
(Alonso)

Para los compañeros de "La Ilustración", la gran revista portuguesa, con su fraternal abeja.

Luís de Oteyza

18 - IX - 28

os jornalistas. Vejamos algumas: *Galeria de obras famosas* de que Max Nordau disse: «Produz admiração e espanto ver um homem que entra no Panteon da Literatura com o chapéu na cabeça e sem deixar a bengala no bengaleiro...» tal é a independência crítica e o desassombro das opiniões de Oteyza.

Depois *Las mujeres de la literatura, Frases históricas* (antologia), *Animales célebres* em que se apresentam, com sumo pitoresco, todos os bichos que a história, a lenda ou a anedota guindaram à celebridade, e o prodigioso livro *En tal día...* efemérides humorísticas de todos os tempos e

de todos os países, que, segundo Cristobal de Castro...nem fatigam os vulgares, nem ofendem os ilustrados.

Mas o grande da obra de Oteyza está, próprioamente, no capítulo «reportagem moderna». Abd-El-Krim, enigma terrível, toma Annual, derrota os espanhóis, apodera-se do general Navarro e seu estado maior, mata Silvestre, para às portas de Melilla... sem se saber porque não entrou. É preciso que um jornal tenha uma reportagem digna, de verdades, embora amargas. E é o director da *Libertad* que vai jogar a vida para tal. E Luís de Oteyza, escrevendo uma das páginas mais belas do romancero espanhol, como disse o egrégio cronista Antonio de Zozaya, entrou no Riff, foi ao âmago da cabila triunfante dos Beniurraguel, falou a Abd-El-Krim a linguagem da verdade, ouviu do caudillo verdades que deviam conhecer-se em Espanha, abraçou os prisioneiros espanhóis, conquistando para o seu jornal o mais alto prestígio, para si a fama que não morre e contribuindo para a paz de Marrocos com mais material que uma dúzia de corpos de exército.

Presentemente, Oteyza, fóra da actividade do jornalismo diário faz, ainda e sempre, espantosamente, do melhor jornalismo. *De España al Japón* é um dos seus livros, o seguinte se chama *En el remoto Cíngano* e neles, mais uma vez, o jornalista errante fala alto e forte a língua da verdade.

Narrado o Oriente, esgotado como motivo jornalístico, Oteyza volta e vai, num pulo, de França ao Senegal em avião, atravessando o Sahará, correndo cem vezes o perigo das mortes mais trágicas, mas escrevendo um formoso livro *Al Senegal en avión* em que, como sempre, é fiel à verdade, à arte de bem escrever, ao jornalismo e ao seu instinto de nómada, sempre em movimento, pelo mundo fora, sem esquecer na sua vagabundagem nem a lança generosa de paladino dos fracos e do bem, nem o broquel airoso de risonha indiferença, invulnerável às cutiladas da vida e da morte. Nas páginas que se seguem, damos umas impressões orientais, inéditas, que o magnífico jornalista e delicado prosador, quiz oferecer-nos.

AMÂNCIO CABRAL.

A "DIRAN" DE SATSUMA

Gostava, leitora, no meu regresso do Japão, de trazer também para ti um «miyagé». Alguma jarra de porcelana de vivas cores, alguma caixa de laca escura com incrustações de ouro, ou, melhor ainda, um «kimono» bordado a seda ou um «hifu» de crepe preto com o crisântemo imperial estampado a vermelho. Todas as amigas que tenho gostaram tanto de receber estas lembranças da minha viagem... E tu, leitora, és a melhor das minhas amigas. Devia ter sido para ti o mais precioso destes objectos, o lutooso «hifu» da sangrenta mancha! Mas, como fazê-lo chegar às tuas mãos, múltiplas e dispersas, leitora?... Nesta impossibilidade material, trato de substituí-la por qualquer coisa semelhante, que tu possas receber. E escrevo esta



história. Escrevo-a para ti. És, leitora, o «miyagé» que do Japão te trago.

Uma história do «Yoshiwara». Alegre? Oh, não! triste, trágica. As histórias do «Yoshiwara» nunca são alegres. Tu sabes o que é o «Yoshiwara», não? Então... Comprendes certamente que não cabe nenhuma alegria no recinto que guarda as escravas da sensualidade. Não há, não pode haver satisfação no praser vendido, nem doçura no deleite imposto. Até os sorrisos dos lábios pintados das «oiráns» têm um ar de tristeza, e os beijos das bocas que assim, falsamente, sorriem, um ponto de amargor. Comprendes bem; é claro que comprehendes. Tu sorriste e beijaste o homem que amas. Mas sorrir e beijar por obrigação — porque se compra o sorriso e o beijo — um homem que nos é indiferente, repugnante talvez... São sempre dolorosas as histórias do «Yoshiwara».

É esta é a mais dolorosa de todas. Esta encerra uma dor tão grande que faz estremecer. Uma dor que chega ao maior dos sacrifícios, e termina, após cruel tormento, com a morte. Se a quizeres ouvir, mulher do ocidente, há de adoptar a mesma atitude da mulher extremo-oriental. Dobra duas vezes o corpo, pelos jo-

elhos e pela cintura, como a «musmé» perante o «sambo» do «Miyá». E agora, escuta.

Na cidade, a que ainda muitos chamavam, por costume, Yedo, pois era bastante recente a ordem do «Mikado» que lhe dera o nome de Tóquio, entrou certo dia, com numeroso e brilhante séquito, uma arrogante mulher. Talvez a esposa ou a filha de algum «damio»? Talvez uma princesa da família imperial?

Os curiosos, que se agruparam para a ver, quando o cortejo se deteve em plena praça central, não chegaram a averiguá-lo, pois foram logo dispersos pelos «samurais» da escolta. Só alguns deles, que se encontraram depois com a comitiva que se dirigia para os arredores da povoação, puderam observar que o palácio da aristocrática dama ia vazio. E ninguém, absolutamente ninguém, reparou numa fôrma feminina, que, envolta em longo e tupido manto, deslizava pelas ruas estreitas que vão dar ao «Yoshiwara».

Dalá pouco, penetrava, no mais importante dos palácios de praser ali estabelecidos e fazia-se conduzir à presença da matrona que o governava, uma mulher bellissima, que pretendia ser admitida lá como uma escrava mais. Queria enclausurar-se voluntariamente? Por vontade livre e espontânea. Sem que lhe pagasse nenhuma importância pela aquisição? Disposta a não ocasionar a menor despeza, visto que ainda entregava uma bolsa, onde, através das malhas, se viam reluzir os «yens», para pagar o custo da sua instalação, que havia de ser luxuosa como nenhuma.

Foi admitida sem vacilações... Não havia necessidade de pagar aquele valioso corpo; ela comprava os seus móveis, vestidos e enfeites, e para educá-la e polí-la, não havia tempo que perder nem dinheiro a gastar, visto que era muito distinta e superava, em saber, todas as outras «oiráns» que o «Yoshiwara» continha. Foi admitida, e admitiram-se-lhe, graças ao excepcional do caso, as condições que impôs.

É estas eram as seguintes: ela entregara-se-lia só aos homens do «fu» de Satsuma, e a cada um, unicamente uma só vez. Os outros não a poderiam conseguir a nenhum preço, e o homem, mesmo nascido na região satsumense, que a conseguisse, nunca poderia repetir a posse. Em virtude destas condições, que eram cumpridas rigorosamente, foi chamada a «oirán» de Satsuma.

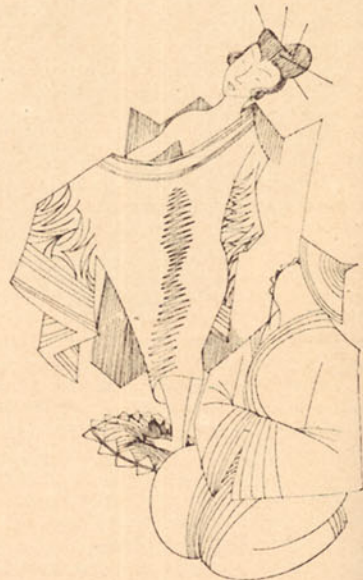
É logo foi famosa, a mais famosa «oirán» do «Yoshiwara». Diante do «shoji», aberto para se exibir, havia constantemente um numeroso grupo de admiradores, que não eram só homens, mas também mulheres e crianças. Porque nunca na exposição de belezas do velho Yedo, a primeira cidade onde o bairro carnal se estabelecem, lá pelos remotos tempos do «Shoquis» Tokugawa Yetucuis, se viu beleza semelhante. Nem elegância como a dos seus vestidos, nem riqueza como a dos seus adornos, nem gosto como o dos coxins onde repousava, e como o dos tapetes que os seus «tabis» pisavam. E a sua arrogância e graça? Pareciam divinas. Divinas, sim; porque o fulgor dos seus olhos abraçadores e a delicadeza do seu húmido riso, só se podiam conceber no sagrado rôsto da deusa Amaterasu. Homem, mulher ou criança, todo aquele que parasse diante do «shoji» aberto da «oirán» de Satsuma, ficava extasiado.

Enquanto aos varões, que conseguiram transpor a «fusuma» da alcova, por procederem da cidade das primorosas porcelanas ou da região do «fu», não viviam senão para recordar os prazeres ali gosados, embora a carne dela não os partilhasse, visto que, honrando o nome de O-Yuki, com que fôra inscrita no registro das «oiráns», permanecia glacial, entre as fogueiras de desejos que as suas carícias acendiam, como o branco cume do Fusi-yama.

Assim vivem O-Yuki cinco anos, entregando a delícia do seu corpo a todos os homens de Satsuma que o solicitassem, fossem eles «bushis», «samurais» ou «jeimins», e pelo preço que lhe quizessem pagar, pois não reclamava a menor quantia, mas negando-se sempre a ver mais do que uma vez cada um deles, e não concedendo nunca os seus favores a homem que não procedesse de Satsuma, embora se tratasse do mais rico e do mais poderoso dos «damios». Mas um dia...

Na noite anterior, como em muitas outras, a «oirán» de Satsuma recebera na sua estância um nobre senhor da Corte. Era um dos favoritos do «Mikado», aos ouvidos de quem chegara a fama da beleza e dos feitiços de O-Yuki. Pertencia ao «fu» de Satsuma, em cujo «clain» havia guerreado durante as últimas lutas civis, no posto de «hatamoto». E informado das condições que a famosa «oirán» impunha para dispensar as suas carícias, acudiu a deleitar-se nelas.

Organizou uma grande festa onde cantaram e dansaram as «geishas» mais hábeis e mais caras. Depois do banquete o «saki» correu a rios, regando os abundantes e escolhidos manjares. E, finalmente, quando despediu as «musmés» de O-Yuki, recompensou-a tão esplendi-



damente que elas pensaram ia cobrir de ouro e gemas a sua senhora. Aquela noite devia ser a mais gloriosa da «oirán» de Satsuma.

Quando, já alto, o sol dava maior vida às rosadas tintas das flores das cerejeiras, as «musmés» penetraram na alcova de O-Yuki, levando para os amantes os «mochis» do pequeno almôço. Esperavam encontrar os dois corpos abraçados de praser. E acharam-nos gelados de morte.

Horível espectáculo! Contraído de dor e de raiva estava o rosto do homem que pensou gosar praseres refinados sobre o leito de O-Yuki. Esse leito fôra para êle potro de refinados tormentos. Surpreendido a dormir, ataram-no de mãos e pés e amordaçaram-lhe a boca. E todos os grandes alfinetes, os inúmeros alfinetes do «mage» da «oirán», tinham-lhe sido enterrados na carne, até se conseguir que, do corpo crivado, saísse a alma cernida por feridas infinitas. O-Yuki aplicara-se o «harakiri»; mas, embora os dedos se crispassem no cabo do punhal, o rosto sorria de praser.

Que sucedera no mistério da alcova da «oirán»?... Ninguém pôde compreender o irresistível impulso que levou O-Yuki a cometer tão cruel assassinato e a suicidar-se depois.

No entanto, daí a pouco, a luz fazia-se sobre as trevas que envolviam a tragédia. Uma luz radiante, ofuscadora. Uma luz de sublimes scintilações passionais.

Divulgando o espantoso successo, cuja notícia corren veloz através de todo o país, compareceram no «Yoshiwara» de Tóquio os servidores duma das mais nobres famílias de Echizen, para tomar conta do cadáver da «oirán» e render-lhe as supremas homenagens fúnebres. Presos por ordem do «Mikado» os membros desta família ilustre, tiveram de confessar que O-Yuki era sua próxima parente, e narraram o motivo que levou a aristocrática dama à prostituição, primeiro, ao assassinato e ao suicídio, depois.

O esposo de O-Yuki, como todos os «samurais» do seu «fus» e os do «fus» de Omari, na contenda entre o «Shogún» e o «Mikado» pronunciou-se a favor da legalidade governamental, enquanto as forças dos «fus» de Miura, Satsuma e Chosiu apoiavam o golpe de Estado favorável ao domínio do Imperador. Estes últimos guerreiros conseguiram a vitória, e exaltados por ela, decidiram exterminar os inimigos, servindo-se de todos os meios. Assim, numa desapiedada caça ao homem, foi assaltado à traição e morto cobardemente o marido de O-Yuki.

Esta, que se dirigiu imediatamente para o lugar onde lhe arramaram a infame cilada, chegou a tempo de lhe receber os últimos suspiros. «Quem te feriu?» — perguntou-lhe ansiosa de vingança. «Gente de Satsuma» — pôde responder o agonizante. O-Yuki pediu o nome do que comandava. Mas o agredido não conhecia

o agressor. Só pôde indicar que, quando se agarrara a êle na queda fatal lhe rasgara a roupa, e vira que tinha no peito, sob o peito esquerdo, uma marca ou antólho que representava um trevo.

O-Yuki resolveu consagrar toda a sua vida a vingar a morte do esposo. Mas, como conhecer o assassino? Tinha que ver os peitos nus de todos os homens de Satsuma... E, com este fim, dirigiu-se ao «Yoshiwara». Finalmente — passados cinco annos! — conseguiu ver, num peito que se apertava contra o seu, o sinal delator. Vingou-se implacavelmente e morreu êbria do praser da vingança.

Tal é, leitora, a história que, como «miyagé» te trouxe do Japão. Mais japonesa que uma jarra de porcelana, uma caixa de laca e até que o «kimono» bordado. É um «chifu». Um «chifu» lutuoso, com a mancha de sangue, que estampa o crisântemo imperial. Cinge-lo ao corpo; mais, à alma. Para que, se te vires em transe de vingar o sacrifício do teu amor, não vaciles em dar tudo; a carne e o espírito.



Como a aristocrática dama de Echizen, ou melhor, como a «oirán» de Satsuma, pois devemos conceder-lhe o título que a honra, embora pareça envilecê-la.

LUÍS DE OTEZA.

(Exclusivo da tradução portuguesa da «Illustração»).

Significado das palavras japonesas empregadas:

Oirán, cortezá.

Satsuma, provincia do Império japonês, cuja capital é a cidade do mesmo nome, célebre pelas suas porcelanas.

Miyagé, lembrança que se traz à família ou aos amigos quando se regressa duma viagem.

Kimono, bata que constitui a típica indumentária japonesa.

Hifu, casaco feminino de cor lisa e escura com o sinal da família estampado a branco ou vermelho.

Yoshiwara, bairro dedicado à prostituição, literalmente: «caminho da felicidade».

Musmé, rapariga, mulher solteira muito nova ainda.

Sambo, altar dos templos shintoístas.

Miya, templo da religião shintoista, a religião nacional no Japão.

Mikado, o Imperador e também a corte imperial.

Daimio, príncipe, governador hereditário dum feudo.

Samurais, homens de armas.

Yen, moeda que equivale a dez escudos aproximadamente.

Fu, região governada por um daimio.

Tabi, escarpim de algodão onde o dedo grande está separado dos outros.

Shoji, bastidor de madeira coberto de papel translúcido, que, fechado, tapa uma janela.

Tokugawa-Yetucius, fundador da dinastia que governou o Japão até ao golpe de Estado do Imperador.

Amaterasu, a deusa suprema das divindades shintoístas.

Fusuma, bastidor forrado pelos dois lados que serve de porta.

O-Yuki, a neve.

Fusiyama, nome do cone vulcânico que se levanta no centro da ilha de Nipon, coberto de neves perpétuas.

Bushi, cavaleiro.

Jeimin, homem do povo.

Clain, companhia de samurais.

Hatamoto, chefe dum clain.

Geishas, bailarinas, música ou cantora.

Saki, vinho de amor fermentado.

Mochi, pastelinho de arroz muito comum e que os japoneses apreciam muito.

Mage, penteado que consiste em sustentar o cabelo a grande altura pela aplicação de óleo de camélia.

Harakiri, suicídio por estripamento.

«Shogún», o chefe do governo e o próprio governmo.

BELEZAS DE PORTUGAL



NO TEJO, À TARDE

(Cliché J. Dias)

FALSIFICAÇÃO SCIENTÍFICA!

O FABRICO DE INSECTOS RAROS

O sr. Larci (sobrinho do naturalista) é um afurador incansável de livros antigos. Diariamente corre os alfarrabistas, ferro-velhos e antiquários à procura duma primeira edição do século XVI ou de qualquer exemplar curioso da literatura de cordel.

Uma vez, conta êle, na loja de um homem

pouco tocado de vinho trazendo uma caixa semelhante à que tinha os insectos. O dono da casa observou o contendo com uma lente, abriu um «porte-morraes» e deu umas pratas ao velho. Este largou-as indignado sobre o balcão, tornou a pegar na caixa e saiu.

Larci seguiu-o de longe a pensar no tio naturalista. O homem por fim entrou num «café» e o bibliófilo pôde abeirá-lo. Dois copos e o outro falou.

Aquilo era uma miséria. Pagavam muito mal... Êle que visse, que avaliasse... e abriu a caixa. Num cartão branco três filas de insectos incríveis resplandeciam. E davam-lhe quatro francos por aquilo! Só a libélula dourada tinha mais de três horas de trabalho!

Larci interessado foi-lhe soltando a lingua com mais uns copos. Contou a sua história. Tinha sido empalhador num museu, no fim de trinta anos reformaram-no... Era preciso ganhar alguma coisa... E então, que diabo!...

Ia-se «melhorando a obra do Padre Eterno».

Do café foram indo até ao atelier do velhote. A-pesar da «pinguita», conseguiu demonstrar, explicar.

O material era simples, tesouras, pinças, alguns produtos químicos, bismagas de tintas, uma boa lente e um pouco de fantasia...

— Quere o senhor ver?

Pegou numa borboleta vulgar, a borboleta branca das hortas, uns traços de pincel, umas poeiras irisadas, uma troca de antenas e ficou a secar, espetado no alfinete, o mais raro exemplar que esmalta o ar puro da cordilheira dos Andes...

— Veja agora êste bichinho. Vai arrelhar o sábio mais pintado. É todo feito de bocados...

E o velhote ria satisfeito.

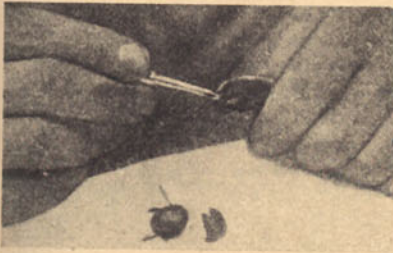
Depois repondo o insecto acrescentou:

— Eu disse-lhe isto tudo porque estou farto de ser roubado. Já não tornarei a trabalhar para aquele ladrão! Em chegando a primavera mudo-me.

«Tenho ali (e apontava um monte de caixas) coisa melhor do que os insectos. Os insectos às vezes não pegam... São bonitos e raros de mais. E depois quem se preocupa

com êles é sempre gente ilustrada, homens de sciência...

«A antiguidade prehistórica dá mais. Eu tenho ali (e tornava a apontar as caixas) coisas da idade do bronze. Alfinetes, pregos



Quando um insecto raro está deteriorado aproveitam-se-lhe as asas, por exemplo, para ajuntar ao corpo duma outra espécie comum

que vendia tudo encontrou um mostrador pequenino cheio de insectos cuidadosamente alinhados e espetados num cartão. Mal se tinha debruçado sobre a caixa o proprietário do estabelecimento gritava-lhe assustado: «Cuidado com essa libélula dourada. Não abra sr. Larci, não abra!... Seu tio dava 50 francos!»

De facto, a meio da colecção estava um exemplar magnífico da libélula.



Tingindo as patas...

Corpo dourado, asas pintalgadas de ouro, patas debruadas de ouro...

Admirada a maravilha, Larci distraiu-se a ver os livros e nisto se ocupava quando entrou no estabelecimento um velhote um

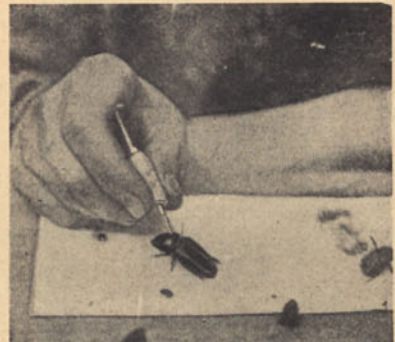


Êis um espécimen inteiramente fabricado de bocadinhos de outros animais...

para cabelo, pontas de flechas, jóias... Há dois anos vendi um par de contos de réis de anilhas de cobre que os sábios disseram serem do tempo de Agaménon... Estavam tão bem roídas que até êles acreditaram.

«Para o ano vou a Pompeia. Já aí tenho quatro modelos de lâmpadas...

«E agora sr. Larci, leve ao seu tio esta



Transformação da cabeça dum insecto ordinário de modo a fazer crêr que constitui uma variedade

«sphinx». Tenha a certeza que o arrelia...

Larci não nos contou qual tinha sido a opinião do tio sobre aquele espécimen raríssimo...
C. M.

OS DOZE DE INGLATERRA NO CASTELO DE SEIA

Conheço dos Lusíadas o episódio formoso da desafrota às damas da Inglaterra, por «Gente de Algo» da Beira, só desde quando o duque de Alencastre, sentiu vergonha pelos fidalgos da Albion que não foram cavalleiros para com elas.

Ele que sabia serem os da «Ala dos Namorados» generosos cavalleiros, chamou-os da Pátria da qual a filha era Rainha virtuosa, para defesa das ofendidas. De antes, tudo silêncio, o ouro dos endecassibabos é só de então! No meu tempo de liceal, o professor, erudito, sábio historiador, ia-me desenvolvendo o pensamento de Camões, ligando-lhe os feitos da época de epopeia e de aventura! Sabia apenas que foram lusos fortes, os mais fortes, que realizaram a façanha e ignorava que tivessem tido nascimento em Trancoso, Melo, Linhares, Gonveia e Seia. Se tal soubesse então, quanto o sabor não seria maior para mim que recebia do mestre, hoje jubilado, a formosa lição, formosa e honrosa!

No caminho dos anos, o meu espirito desdedenta-se do prosaismo da vida, lendo e crendo no que lê; são livros de veneranda idade e de venerandos mestres, e, se acerto de topar coisas de um burgo da minha região é como se tivesse vencido um concurso de coisas belas. Porque, como prémio, tenho o meu orgulho da antiga nossa gente!

Os Lusíadas são como as meditações de Kempis e o que creê, de Portugal, tem estas duas jóias de fino ouro, para pensar em Deus e na Pátria!

Rui Chianca amecallou as scenas heróicas da viagem do Magriço e fez um drama empolgante. Pinheiro Chagas conta o facto desde que, saindo dos seus solares, nos Montes da Estrêla, os valorosos cavalleiros deram entrada no castelo da «Vista Bela» e a dentro das suas muralhas gloriosas, combinaram a partida. Denodados, corajosos, gente das «sete partidas do-mundo» com os seus escudeiros, com os cavalos ricamente ajazados, subiram até ao Castelo, o mais forte da Beira, como testemunha Herculano, baseado nos cronistas e ali discutiram o caso feio, da falta de cavalleirismo dos homens do norte.

Honra-nos sobremaneira e elle não é só do domínio da lenda, da fantasia dos filhos de Seia, do seu muito amor à terra Mãe.

O Castelo da «Vista Bela» era o mais forte

te e o mais aconselhado, para nele se reunirem os bravos companheiros de Nuno Alvares. Seia não era só o que hoje é, era mais do que a engeitadinha, no limiar da Serra da Estrêla, era a *civitas* poderosa, capital dum grande distrito militar que se alongava até Espariz, para as bandas de Coimbra. Hoje é a vila abandonada e quasi improgressiva e como antiga fidalga vive do que foi.

O panegirista de Santa Antonina no-lo

Agora não é mais do que fantasia; no seu monte assenta formosa a Igreja que foi de Santa Maria e onde a sábia Santa Catarina se ostentava rica de muitos legados. Presentemente é da invocação da Senhora da Ascenção. Perdeu todo o seu carácter romano. Elegante na sua arquitectura, é sentinela da Fé e guarda o seu recheio de lendas no ambiente dos altos arcos: Senhora Doutora Santa Catarina, Divino Senhor do Arco e tantos santos de evocações queridas da me-



Igreja de Santa Maria de Seia (Serra da Estrêla)

diz, no precioso folheto que possuo e pena é que fique incognito, porque mão bárbara inutilisou o meu livrinho que conservo como jóia de raro valor.

O académico Agostinho Falcão, não regista o facto na sua monografia, mas fala do Castelo de Seia como falaram muitos historiadores e registando nas páginas do seu livro o foral de Afonso Henriques, nele se vê como era grande o valor do Castelo de Seia, forte contra todos os inimigos que o foram da Pátria. Nos Chronicones, nos livros dos árabes é sempre citado como aquele que a todos convinha pela sua situação na fronteira.

ninice de toda a casta de milagres. Santa Antonina é lá recolhida, a Virgem patricia da lenda e humilde de condição, do meu eicerone e de Bluteau.

A minha vila é adormecida em volta, a lua recorta o seu vulto e projeta-o nos seus muros que vieram substituir as vetustas muralhas que o Conde Pedro edificou, os mouros destruíram e Egas Moniz reconstruiu, e são estes muros que me recordam a aventura que se iniciou adentro desta fortaleza.

RUY D'ALVA.



O LOUCO DA CAMPANIA

(INÉDITO E ESPECIAL PARA "ILUSTRAÇÃO")



ITUS Lucretius Carus, possuía tal *tria nomina*, nessa época republicana, por ser de nobre raça, e, portanto desprezar a política e falar injuriosamente da plebe. E

como recusava em crer na imortalidade da alma, na influência dos deuses e no poder dos padres, os sacerdotes e os aristocratas pactuavam sem vergonha com o povo, que por não percebê-lo o considerava demente. Lucretius era um ímpio. E a impiedade não está bem à comodidade dos senhores, que vivem da ignorância servil dos escravos.

Lucretius Carus, que nascera no ano 659 de Roma, na Foz do Tibre; na extremidade dessas verdes planícies que tão trabalhosamente, Romulus conquistara aos inimigos, era poeta. E como apesar de haver cultivado a eloquência e a poesia, os seus acesos de lirismo e pensamento, não fôsem peculiares aos seus semelhantes, êstes chamavam-lhe louco; o «Louco da Campania». Os homens notos, equestres, e, privilegiados do seu tempo, sabiam que a Memnius, êle dedicara um poema em seis cantos: *De Natura Rerum*, e, que os seus versos, se bem que menos harmoniosos e elegantes do que os do popular e jovem Virgilius, continham, na sua graça selvagem e no seu estilo didactico, uma lógica, que, por repelente, confundia e detinha os espiritos indolentes. No seu sistema que êle versava, porque por ritmos os homens melhor o escutariam, os seus intentos propunham aniquilar o temor e dos deuses e da morte. E assim, nas suas tâbuas engessadas, gravava e sumia as idéas pertinentes e extramundadas, ora porque as julgasse valiosas, ora por sabê-las inúteis. Mau grado tais doutrinas absurdas, tão horríveis para a alma; mau grado contribuir para o ateísmo e para a materialidade, o «Louco da Campania» conseguira dos seus congêneres, essa temerosa e popular admiração, freqüente aos indiferentes do vulgo que um grande senhor acolha. Ora o «Louco da Campania» freqüentava muitas vezes as termas, com Memnius, que era tribuno, votado às teo-

rias de Epicurus, e, que aguardava governar Bitúnia.

Assim protegido por êsse convívio insigne, Lucretius Carus, podia seguir a fantasia dos seus pensamentos, que sem tal tornaria as acções comentáveis.

• •

Era pelos idos de Julho, e, o «Louco da Campania» entrou nos Banhos. Deteve-se, olhando o quadrante que o colector Sircius Vulius construíra e embelezara de ornatos figurais, com o dinheiro das multas públicas. Depois, encaminhou-se para a Palestra. Pelo plinto de mármore, corriam em baixos-relêvos fantásticos, em estuque colorido, rondas airosas de faunos e ninfas. E criadas e caprines, procurando-se e fugindo, como convém aos amorosos subteis, empunhavam luras, tirsos, ramadas esmeraldinas. E ora

sôbre águas onde trambulhavam golfinhos, ora em batéis floridos puxados por cisnes felizes, sorriam, abraçavam-se: viviam. Sôbre êstes plintos, de doces invocações, em grandes frescos, Hércules, Júpiter, Apolo, Admête, Déalao e Icaro, torturavam-se grandemente nas suas empresas mortais.

T. Lucretius Carus, passou sob os círculos entrelaçados em volta do Amor, duma bachante, dum ouriço e duma pantera, que ornavam o tecto do vestibulo. Em redor dos nichos onde presidiam divindades, sôbre os assentos repletos, deslisavam sempre os faunos; e, ao fundo, na parede coberta de porfiro, nas junções octógonas, açafates com flores trasbordantes faziam moldura a Vênus e a Hermafrodite, o amor feminino e o amor em geral, porque o amor não tem sexo, tal a dôr, por se irmanarem.

T. Lucretius Carus, aproximou-se dos grupos loquazes que discutiam as intrigas do Forum. Sircius mesmo, alardeante e airado, explicava, requebrado, a má política de África. Propunha-se a senador; sacrificava por isso, regularmente, aos deuses mais indicados. «Roma será próspera, com o meu concurso», dizia êle, treitento e compondo a toga. Pepidius, explicava o festim de Marcus Vibius, ainda nauseado pelos vinhos excelentes...

O dia declinava. T. Lucretius Carus safu sem se banhar, discorde com os homens. Nas ruas, desertadas já, os gandaceiros famintos e lendeosos, manejavam as grandes vassouras de giesta; e o seu varrer cadenciado e triste, dominava os fracos ruidos vindos das casas onde os romanos, estavam para o último repasto. Por vezes, ouvia-se gritar lúgubrememente os pavões, nivar os cães, ou, nenia fúnebre de quem velava um finado. Dos lados de Suburra surgiu uma liteira e escravos com fanais. Mas o cami-



nhante, afastou-se, e, pela porta de Júpiter, entrou na Campania.

Aí, o seu caminho era-lhe mais fácil, visto que o claror do céu, se bem que fracamente lacteo, se misturava à terra, sem as sombras e as luzes dos humanos. Depois, Lucretius vivera na verde Campania, e, a familiaridade dum contacto dá quasi vista aos cegos. Ele houvera admirado o brilho maravilhoso das claridades sobre a multidão apinhada nos circos e nos teatros. Houvera aspirado o açafrão queimado na scena e os perfumes escolhidos que defumavam os altares. Houvera ouvido as harmonias novas trazidas a Roma pelos músicos gregos, assistira aos exercícios militares do Campo de Marte. Possuía esse dom de esquecer-se das vergonhas humanas, entregando-se ao seu comentário geral. Podia tontear entre as turbas sem ser molestando por elas ou pelos centuriões. Eram mais de cinco os sentidos de Lucretius. Tinha quarenta e quatro anos, essa idade que permite aos homens de se não iludirem com o trágico e com o cómico. Essa idade regular aos interesses inofensivos, como a meditação e outros brinco de espirito. Essa idade que não é propícia aos amores sempre macabros mas às ternuras serenas e sempre possíveis. Lucretius era feliz. Desconhecia os negócios públicos, as dívidas. Não temia nem os deuses nem os homens. O que tinham os seus movimentos traiçoeiros como suprema ameaça? A morte? Mas se Lucretius a não temia: Era feliz.

Tão feliz que na plena posse dos seus vícios intellectuais e físicos, possuía ainda os pais, concordantes e sádios, dois amigos: Babinius, o seu jardineiro, e, o edil Marcus Auctus, seu discípulo. Ambos secundavam o seu horror para com os erros sanguinários do paganismo, o seu amor para com a humanidade inocente, o seu entusiasmo perante as forças naturais. Babinius pela sua incessante comunhão com as germinações, a vida das abelhas, dos polens, os amanhos prósperos às sementes, a procriação contínua dos faisões, dos pavos e dos pombos... e, Marcus Auctus, pela sua impossível crença nas divindades estabelecidas, portanto, pela sua ternura latente para com tudo que sob o céu impassível sofre e vive sobre um poiso instável e hostil.

Mas além destas riquezas raras, T. Lucretius Carus possuía, fiel e formosa, a mais bela das amantes: Fedra, a doce amiga que se em vão o esperava, lhe sorria mais benignamente no dia seguinte, por amá-lo tanto como as suas fantasias. Uma rara e gentil amante. Era feliz Lucretius. A medida que caminhava na Campania, sob a noite sem lua, os seus olhos viam melhor, tão pródiga é por vezes a Natureza que elle considerava.

Entrou em casa, pelo jardim, pelo pórtico decorado de mosaicos reproduzindo flores, plantas e animais fabulosos. Ao fundo, uma gruta onde frescamente jorrava uma água mansa, ornada de conchas e avencas, as três máscaras de mármore, que perma-

nentemente sorriam às sombras e às claridades, estavam como de costume, animadas pelas chamas das lâmpadas, que Babinius punha nos seus avessos côncavos.

Como a noite fôsse benigna, Lucretius Carus, encontrou, à luz suave das faces marmoreas, os pais, vigorosos, equilibrando os seus argumentos com os de Fedra e Marcus Auctus. Babinius trouxe-lhe uma taça dum ponche lial. E ao manso rumor da água jorrando na fonte clareada, Lucretius, perdido com alegria na disputa risonha, quedou-se longamente entre esses assuntos melicos, num convívio ditoso, enquanto os



lis, as campainhas e as pervincas nas hastas imóveis, repolhavam as suas pétalas debeis e olentes, e, as boas-noites ofereciam à serenidade nocturna as suas graças máximas. A Natureza tem sempre uma glória permanente. Lucretius bem o sabia. O seu espirito perfeitamente situado, enternecia-se emudecido, pensando nesses prestígios constantes. Era feliz e semelhante a um sacerdote, guardando silente as venturas e as tragédias dos oráculos. Maneira que, sob a sua felicidade, tentou impar os soluços que o estrangulavam. Era assim Lucretius, o «Louco da Campania».

Lucretius voltava, quando o céu era já turquês, depois de haver acompanhado à casa solitária e amena, a sua linda e meiguiceira Fedra. As retamas destacavam-se já dos funchais. Se bem que o Oriente entubescesse os corutos de raros pinheiros, se bem que a sua incandescência, colorisse os ganços brancos que grassavam perto dos ninhos frouxelados, entre aservas húmidas,

a Campania repousava ainda misteriosamente.

Depois, os ferreiros começaram malhando metais na bigorna sonora. E o vento brando, em sopros inconstantes, trouxe do Tibre, o odor das resinas e o despertar das fíremes, com os cantos dormentes e nostálgicos dos marceantes.

E elle pensava nas suas venturas constantes: os pais, evocando-lhe o passado; Fedra tranquilizando-lhe o futuro; Babinius encanecido nas suas dedicações subalternas; Marcus, afeiçoando a intelligência aos seus pesamentos bondosos. No seu caminho, alevantando os braços finos e ociosos, e, com elles, os seios rijos e pulcros, uma rapariga suspendia dum carvalho secular, de onde pendiam inúmeros artefactos, um idolo de figulina.

A sua vida, prudenciada pela sua lógica, atingira esse estado sublimíssimo, de poder considerar todos os erros humanos com uma lúcida benevolência. É por tal que a intelligência nunca poderá governar o mundo, mas o sectarismo e o fanatismo. A intelligência perfeita é fraca, condescendente e demolidora. Lucretius sabia-se o homem mais inocente do mundo, por grandemente saber-se pequeníssimo entre todas as idéas e feitos. E por esse facto podia, numa gloriosa humildade, gosar das venturas perpétuas da vida, como em moço, vigorosamente se entusiasmara, no circo, contemplando antes dos combates, Palas Atenea, fundida em bronze, dum bem fadado jacto, com o capacete ornado de serpentes esbeltas, pronta a proteger os destinos dos bestírios e das quadrigas.

E Lucretius, que em criança freqüentara as escolas eclesiásticas, o que lhe ternara, pelos exercícios regulares, a alma mais doce e mais terna, olhou complacentemente a jovem que formosa se afastava, cantando passozinho uma toada helena. Quando se foi crente, e, que mais tarde, a fé nos abandona, tornamo-nos mais aptos para compreender-dê-la. É por tal que os crentes são sempre intolerantes. Lucretius era feliz. Podia comover-se com as fraquezas que condenava.

Rodeando as casas palhaças, pelo chão cultivado com labor, espalhavam-se as melancieiras ferreis. Dos tectos rústicos subia no ar límpido, o fumo do fogo enérgico, fervendo o papeiro dos pobres. A Terra, preenchida de delícias, acordára à luz gradual e fiel da alva.

Lucretius deteve-se, sádio, feliz, vigoroso e enternecido. Aproximou-se dos velhos galhos votivos de onde pendiam as imagens piedosas: as preces constantes aos deuses pueris dos entes amedrontados e ambiciosos. E como não tivesse illusões por ser intelligente, mas temores por ser venturoso, rason o seu pluvial em tiras estreitas: atou-as; enforcou-se. E ficou inerte, pendendo da velha arvore, como os votos de argila dos homens assustados, ou seja: desejosos.

ILUSTRAÇÕES DE STUART.

JAIME DE BALSEMÃO.

(Do livro em preparação *As Camenas Bravias*).

No Salão da "Voga" estarão expostos os maravilhosos automóveis WILLYS-KNIGHT, marca de fama mundial

O P R I N C I P A D O D A A R Q U I T E C T U R A

— Com sete colinas e um estuário fathoso, o difícil é fazer de Lisboa uma cidade de interesse diminuto. Temos condições de excepção. Mas não as sabemos aproveitar. Ora veja — veja isto!

Isto — era o recorte nobre e rasgado das avenidas novas de Madrid, que a elegância das construções reveste da linha fidalga das artérias de grande cidade. As perspectivas tecem imponência, grandeza até em certas encruzilhadas. E por toda a parte há sorrisos de verdura, alegrando os passeios, dando nota de cor, multiplicando os contrastes. Alia-se a sua animação simpática à magestade de porte dos edifícios, tanta vez ousados e bem modernos de concepção. E em certas avenidas de cintura, onde estrepita a vegetação em gargalhadas alacres, repercutidas no desenho gracioso dos parques e no labirinto acolhedor dos bosques, acóde ao espírito o desafio das avenidas marginaes. Não há cristal de rio nem nervosismo de mar. Mas amplo vale se cava fundo num dos lados. E como o talvege se não vê e apenas afloram na distância os caprichos da cumiada fronteira, arqueando o dorso sob a carícia delicada das nuvens, a impressão nasce de que se passeia à borda de água, como em esplanada de lago ou estrada de litoral.

Enquanto o automóvel moderadamente avançava ao longo das artérias, era esta a sucessão de imagens que se me baralhava na retina. E quem me falava era Melo Barreto, nosso embaixador na capital vizinha, diplomata brilhante e activíssimo. «Temos condições de excepção; mas não as sabemos aproveitar». Melo Barreto observa justo. Basta atentar em certas monstruosidades artísticas dos bairros novos de Lisboa para se chegar directamente a esta lamentável conclusão. Ao passo que em todas as cidades civilizadas os bairros novos são credores de desvelado e particular carinho, cujo rendimento não dispensam nem lhes é negado, a construção de edifícios produz entre nós, com sanção official, verdadeiros abortos inqualificáveis, onde não há equilíbrio, nem graça, nem beleza. E até as construções de bom gosto muitas vezes perdem valor quando se caminha da parte para o todo — porque normalmente se descera a visão do conjunto e falta o sentido exacto da função da célula, como elemento mínimo do tecido global; numa palavra: porque se desconhece ou se não liga importância à moderna sciência do «urbanismo», cujas leis, já exuberantemente demonstradas na reconstrução das regiões devastadas da França, tão profundamente perturbaram as antigas concepções da arquitectura.

É um facto: os bairros novos de Lisboa oferecem reduzido interesse. Mesmo as ave-

nidas mais nobres são miúdas e desconfortáveis. A altura dos edificios, frequentemente de gosto duvidoso, não corresponde à largura das artérias. De construção para construção há desproporções conflagrantes. As perspectivas são mediocres. E a abundância dos caixotes com buracos, produto de mestres de obras sem qualquer espécie de cultura artistica, é de cortar o coração. Só em Portugal se consentiria tal afronta à estética duma capital.

Objectar-se-há: a necessidade de fazer prédios baratos... Perdão: o bom gosto nada tem que ver com o orçamento. Um verdadeiro architecto pode dar expressão artistica à mais económica das suas criações. Vejam-se alguns dos lindos trabalhos de Raul Lino, desempoeirado e admirável architecto da nossa terra. E um verdadeiro urbanista pode conseguir harmonia e grandeza para as perspectivas duma cidade modesta ou dum modesto bairro social. A questão está na scentella criadora. Viena, Budapest, Rio de Janeiro, Berne — dão disso exemplos in-

Em Viena e em Madrid, no capítulo da actualidade architectural, houve ainda uma outra característica que despertou a minha atenção: a concepção declaradamente moderna da maioria dos novos edificios. Tanto numa cidade como na outra, tecem os architectos o sentido da nossa época. São ousados e independentes, escutam a voz do século xx, compreendem a lição dos novos materiais: não estão agarrados à rotina, como cogumelos a tronco secular, com receio de críticas amorfas ou comentários retrógrados. Trabalham, caminham, impõem-se — e vão a passo e passo habituando os olhos do público à nova estética architectural. Não tecem medo das reacções do ambiente. De cada vez que uma granada de audácia devora o espaço, é dos livros que a opinião pública faz barricada nas ruas. Mas nunca uma ideia generosa se amedrontou com tal opposição. Ai do nosso passado esplendor se a coragem

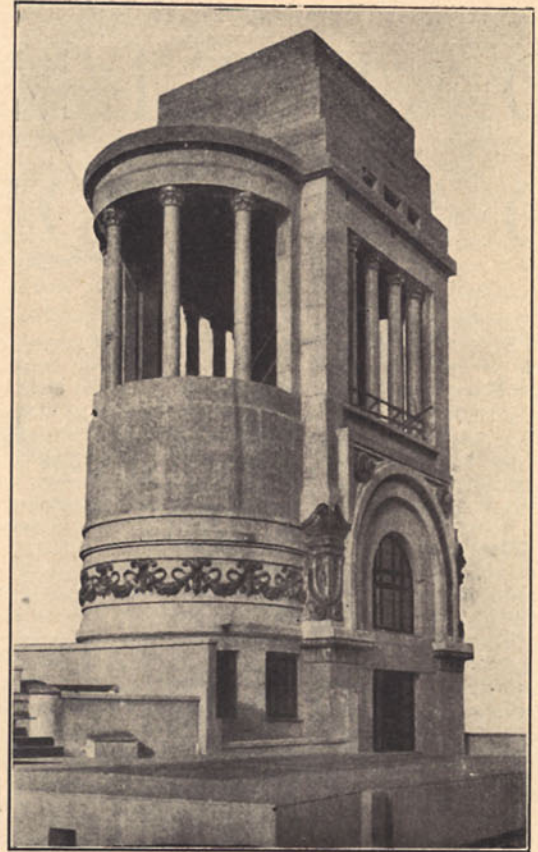


Vestibulo do edificio dos Correios em Madrid.

sofismáveis. Se houvesse por cá quem pensasse a sério nestas coisas, decerto também ficaria a matar a citação de Lisboa. Mas infelizmente problemas de mais alta transcendência tecem preocupado os poderes públicos, de há três dúzias de anos a esta parte. E por isso os bairros novos, que entretanto se tecem alargado e desenvolvido, andam bem longe de constituir legítimos motivos de orgulho. Não passamos, neste particular, de caranguejos da civilização.

dos navegantes se tivesse detido com as cubrações dos velhos do Restelo...

Não há o direito de esquecer os princípios da Exposição das Artes Decorativas — clamor magnífico do momento que passa, embora de complexidade aparente e perturbadoras manifestações. E são eles, esses princípios: o *princípio da arquitectura*, a *procura do útil e o desdém do ornato*, do *estilo de imitação*. Isto na sua linha esquemática — e sem esmiuçar razões nem trazer à



O edificio do Círculo de Belas Artes de Madrid e a sua torre modernista

baila as conclusões que a previsão de Anatole fixou, quando escreveu: «Não há duas espécies de artes, artes industriais e belas artes; há só uma arte, que é todo o conjunto, indústria e beleza e se destina a dar encanto à vida, multiplicando em torno de nós belas formas, na expressão de belos pensamentos.»

Mas a arquitectura é agora o meu assunto. Restringamo-nos ao seu âmbito. A nossa época proclama o principado da arquitectura. E mais do que nunca o engenheiro e o arquitecto podem dar largas à sua inspiração, pondo de lado imitações servis e preciosismos indignos. As generosas possibilidades de aplicação dos novos materiais galhardamente o permitem.

Nunca a fantasia ponde voar mais alto e com maior liberdade creacional. Nunca foi tão fácil harmonisar com um programa prévio os elementos constitutivos e grupá-los por afinidade, relacionar a utilidade com as necessidades e com a beleza, imaginar partes, espaços, compartimentos e criar em seguida sistemas de circulação vertical e horizontal. Dia a dia, hora a hora, a ciência e a técnica multiplicam as descobertas e os recursos. Só por tacañez de espírito se pode duvidar de que a nossa época, mais do que qualquer outra, tem decidida aptidão para criar beleza, numa linguagem muito sua, nova, ousada, independente, original.

O principado da arquitectura... Que se pretende com este enunciado? Expressar que um vasto conjunto de condições tende a res-

tituir à arquitectura o seu aspecto de arte viva, espelho do meio e da época, e a fazer depender dela, como dum princípio director, todas as realizações decorativas. E na utilidade, na justa adaptação às necessidades, se fixa o ponto de partida. O gosto e as preocupações do momento não sabem já separar as idéas de arte e de vantagem.

Se o cimento tende a substituir universalmente a pedra como matéria prima na construção, escreve Goudal, é para reduzir ao mínimo o dispêndio de tempo, de fadiga e de dinheiro. A pedra é difícil de extrair, custosa de transportar, incomoda de manejar. O cimento, um pó que se aglomera no local da obra e se molda em cofragens de madeira, susceptíveis de servir indefinidamente. É imposto pela utilidade, o material impõe por sua vez uma estética. Evidentemente, com o cimento podem conseguir-se todos os relevos e todas as formas, desde os arabescos aos capitéis coríntios. Mas não é sensato fazer isso. A lógica exige que se procure obter, em vez de falsas esculturas, novos ritmos expressivos, que resultem dum tratamento leal do material especialmente empregado. Daí o recurso à linha recta e às curvas e volutas sóbrias. E não se receie o perigo do regresso ao «caixote com buracos»: porque a cuidada distribuição dos planos, a possibilidade dos grandes vãos, a combinação das saliências e das reintrâncias, os caprichos que os mais recentes processos de construção tornam fáceis, o jogo das sombras naturais e as garbadas aplicações da cerâmica permitem com

exuberância aliar aos ditames da inteligência as satisfações da sensibilidade.

Uma disposição inventiva dos cheios e dos vazios, que seja como que a tradução exterior da utilidade interior — eis o que orienta a estética da arquitectura moderna, que de tanto campo pode dispor entre nós para se expandir, sem nada prejudicar as criações da tradicional e encantadora «casa portuguesa», aliás já tão inteligentemente adaptada também às necessidades de hoje. E não se veja contradição, como ainda muito justamente enuncia Goudal, entre a complexidade sem cessar crescente da nossa vida e a simplicidade cada vez maior do nosso gosto. É que de facto a arte decorativa vale como a moldura que faz resaltar o quadro. Nós aspiramos a encontrar em casa o que no exterior nos não oferecem. Os nossos antepassados, no fim dum dia calmo, podiam comprazer-se com a ornamentação complicada do seu mobiliário. Mas nós não. A nossa fadiga é grande quando terminam as ocupações: há por isso que destronar o complexo, o rebuscado e há que proclamar «real!» pela simplicidade. Nós não queremos coisas em demasia. Queremos linhas rectas, curvas elementares e superfícies simples. E para dar cor às paredes nuas chamamos novamente a pintura à sua inicial aplicação. O publico reage? Não importa. O século XX é o século da audácia. Não há de faltar audácia aos artistas desempocirados para lhe meter a verdade pelos olhos dentro!

PAULO DE BRITO ARANHA.

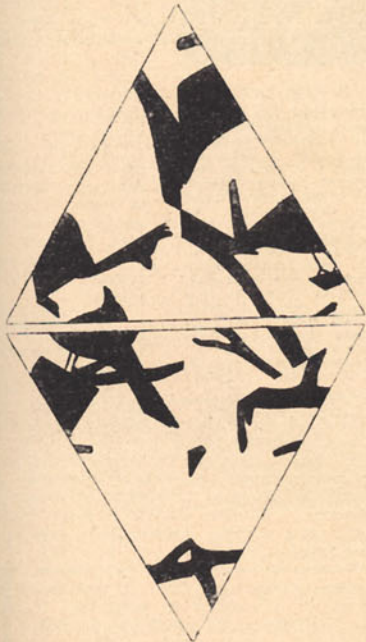
Os mais luxuosos modelos de calçado a expôr no Salão da "Voga" serão os da SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CALÇADO ÉLITE, rei dos sapateiros



Passatempo

SILHUETAS

(Paciência)



Trata-se de decalcar os dois triângulos aqui juntos, recortá-los em seis partes iguais e formar, depois, com essas seis partes, uma figura geométrica regular sobre a qual devem destacar-se as silhuetas de dois bonitos animais.



O médico estava de pé à cabeceira do doente e olhando gravemente para êle.

— Não posso ocultar-lhe o facto de que a sua doença é séria — disse êle. Há alguma pessoa, a quem desejasse mandar chamar?

— Há, — respondeu, com voz fraca, o paciente.

— Quem é?

— Outro médico.



O FREGUÊS (no armazem de modas): — Não sou capaz de encontrar minha mulher em parte nenhuma. Que hei-de fazer?

Um DOS CAIXEIROS: — Olhe, comece o senhor a conversar um bocado com aquela caixeira bonita que além está. Verá como ela aparece logo.

O Guilherme estava sentado nos joelhos do pai, vendo a mãe pentear-se.

— Olha, o papá não tem assim ondas bonitas no cabelo — disse-lhe o pai brincando.

O pequenito olhou para a cabeça do pai e respondeu: — Não tem ondas, não; é tudo praia.



Preguntando certo sujeito a um guarda-portão se seu amo estava em casa, êste respondeu:

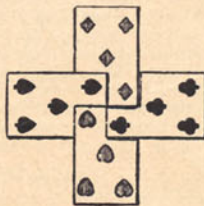
— Não senhor.

— A que horas voltará?

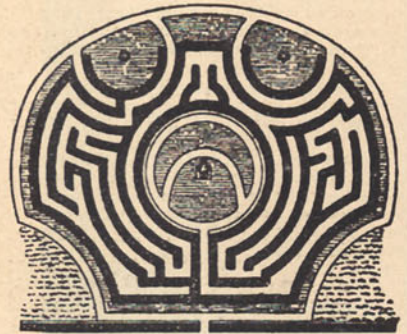
— Não sei. Quando meu amo manda dizer que já safu, ninguém pode adivinhar a que horas voltará.

OS QUATRO CINCO

(Solução)



LABIRINTO DE SOMERLEYTON



Este labirinto, situado em Somerleyton Hall, próximo de Lowestoft, num parque particular é, talvez, o mais bonito de todos os construídos em Inglaterra. Representa-o a figura junta. É muito afamado. Mas a figura não dá senão uma simples idêia da sua planta. Observando-a, logo se vê que o labirinto foge ao tipo convencional.

É construído por sebes ou paredes de verdadeira massaça de sete pés de altura, tendo no seu contorno grandes canteiros de relva, e no centro, edificada sobre um montículo, com seu jardim à frente, uma aprazível casa de verão, do mais elegante desenho.



ELA: — Com que então, foi a Paris? E como se arranjou lá, com o seu francês?
ELE: — Ora! muito simplesmente. Depois de ter tomado dois ou três cocktails, achei-me a falar francês com a maior facilidade.

As COMPANHIAS REUNIDAS DO GAZ E ELECTRICIDADE terão no Salão da "Voga" uma maravilhosa cosinha ideal a gaz

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

OBRAS RECENTES

SECÇÃO FRANCESA

Remède à la vie moderne, pelo doutor Pierre Vachet. Aqui nos ensina o autor a forma de adaptarmos a máquina humana à trepidação da existência hodierna. 12 fr.

Boltivar, el libertador, por Michel Vaucaire. Romance que nos apresenta um prodigioso herói, que se faz chefe dum insurreccção e, depois de horas de triunfo inebriante, vem a morrer na miséria. 12 fr.

Quelques juifs et demi-juifs, por André Spire. Série de estudos sobre individualidades que interessam ao problema sionista: Israel Zangwill, romancista do *ghetto*, James Darmesteter, Marcel Pronst, Silbermann, Henry Freneli, etc. 12 fr.

Le Poste sur la dune, por Marie Le Franc. Nova obra da autora do *Grand-Louis l'Innocent*, romance que obteve o último prêmio Fémina. 12 fr.

Verlainsiens et Décadents, por Gustave Le Rouge. Livro de memórias em que o autor, ao pintar o quadro da época em que se formou literariamente, tem ensejo de nos dar o perfil de Verlaine em traços bem cativantes. 20 fr.

Coeur à corps, por Charles Oumont. Romance dum a mulher que, divorciada, se torna amante do que foi seu marido. Tema audacioso, tratado por aquele a quem Paul Reboux deu o título de «professor de amor». 12 fr.

Seize Ans, por Georges Imann. O primeiro apelo dos sentidos. Grande delicadeza na evocação da idade transitória da infância para a puberdade. 12 fr.

Ulle Abandonnée, por Rose-Annie Rogers. Trad. do inglês por J. M. Leclerc. Prefácio de Emile Dermenghem. Romance: numa ignorada ilha, uma mulher vivia a agreste existência dos Robinsons. 12 fr.

L'Exclue, por Luigi Pirandello. Trad. do italiano por Y. M. Lenoir. O destino lamentável dum mulher feliz é o assunto de veras paradoxal da obra. 15 fr.

Dans les montagnes sacrées, por Louis Gillet. O autor conduz aqui o leitor às vertentes meridionais dos Alpes. 12 fr.

Poésies, por Emile Henriot. Colectânea que abrange os anos de 1915 a 1928 e que nos apresenta o autor sob um aspecto não dos mais

conhecidos da sua personalidade. Classicismo e emoção. 15 fr.

Le Poème byzantin à Venise, por Edmond Joly. Trabalho que desmente ter sido a arte bizantina uma arte morta e gelada, como em geral se supõe. 16 gravuras hors-texte. 20 fr.

Avec Huysmans (promenades et Souvenirs), por Michel de Lézinier. Livro cheio de humor e, ao mesmo tempo, comovido. Por ele se fica sabendo o motivo por que o escritor do *A Rebours* escreveu também a *Cathédrale*. 20 fr.

Le Vent du Gouffre, por Charles Silvestre. Romance que nos põe na liça dum tremenda luta entre a virtude e o vício. 12 fr.

Jésus tel qu'on le vit, por Aymé Guérin. Ressurreição da época e do povo entre o qual viveu o fundador do cristianismo. Para a elaborar, o autor percorreu toda a Palestina, sempre com a alma atenta aos segredos da terra sobre o Deus que nela nasceu e morreu. 15 fr.

Glozel (Vallon des Moris et des Savants), por René Benjamin. O deslize satírico da agitada questão de Glozel. Mordacidade de bom toque. Livro a opôr aos dois, também recentes, de Salomon Reinach: *Glozel - La Découverte*, *La Controverse*, *Les Enseignements* (6 fr.) e *Ephémérides de Glozel*, com 16 estampas (20 fr.). O livro de René Benjamin (12 fr.), por encerrar o caso a rir, diverte, ao passo que os outros informam a sério sobre ele.

Dix ans après (11 mark - 6 francs?), por Jules Chancel. Uma imagem, que pretende ser exacta, da Alemanha de hoje: depois de uma guerra de 4 anos e de sofrer a derrota, a revolução e a falência, alcançou a revalorização brusca da sua moeda. 12 fr.

La Folle Passion de Greta, por Armand Mercier. Um príncipe da Arménia, disfarçado, numa ilha da Dalmácia. Peripécias, complicações quasi sem conto, dando uma intensidade de romance extraordinária à obra. 12 fr.

L'Homme Double, por Lucien Duplessy. Um feixe de novelas que trazem à lembrança o vigoroso e original talento dum Maupassant. 12 fr.

Anais ou l'Heure des Etilles, por Marcel Rouff. Os povos já não erguem a sua lanterna em busca de um homem, como Diógenes. O que eles desejam é uma forma nova de governo. Qual? Este livro tenta pôr o problema em equação. 12 fr.

Nietzche, sa vie et sa pensée, por Charles Andler, professor do Collège de France. A idade viril do célebre pensador alemão até à sua morte. 388 páginas intensas de estudo. 48 fr.

Le Bilan, por Edith Warthon. Trad. do inglês de Louis Gillet. Análise dramática de caracteres muito complexos. Pintura da alta sociedade de New-York. Ao certo, uma das obras mais belas, mais patéticas produzidas pela autora. 12 fr.

SECÇÃO ESPANHOLA

La sombra enmascarada, por Ceferino R. Avelilla. Novela de tipos e costumes madrilenos, escrita num estilo brilhante. 3,50 ptas.

Sobre casi todo, por Julio Camba. Mais uma obra desse mestre do humorismo que é o autor. Agudeza de observação aplicada a factos e pessoas. 5 ptas.

Yo, inspector de alcantarillas, por E. Giménez Caballero. Livro cheio de originalidade dum dos maiores valores da literatura moderna de Espanha. 5 ptas.

La mujer de émbur, por Ramón Gómez de la Serna. Estudos de tipos de veras curiosos, no ambiente de Nápoles. 4 ptas.

Dietaio crepuscular, por J. M. Vargas Vila. Obra nova do discutidíssimo escritor americano. 5 ptas.

El muñeco de trapo, por José María Salaverria. Narrativas breves que demonstram singular capacidade de imaginação. 5 ptas.

Siete ensayos sobre sociologia sexual, por Quintiliano Saldaña. Os títulos desses ensaios são os seguintes: A vida sexual em Espanha; A crise do casamento; O divórcio; A verdade sexual; Uma civilização sexual; O celibato eclesiástico; A prostituição em Espanha. 5 ptas.

Libro de cantigas galatco-lusitanas, pelo Marquês de Pígoroa. Reminiscências e impressões, formando páginas de bem interessante leitura. 5 pesetas.

Ni Oriente ni Occidente. El Universo visto desde el Albaicín, por Gil-Benumeja. Estudo que procura estabelecer a fúusão dos novos ideais do século XX e do semitismo. 5 ptas.

El libro de Ruth, por Perez de Ayala. Alguns dos seus assuntos: pessimismo adolescente; a Companhia de Jesus; a filosofia das casas de hóspedes; o Estado e a Igreja; a poesia cristã; os livros e a vida; condenação e indulto de Don Juan. 4 ptas.

Ensayos (1.ª parte), por Juan Valera. Seus assuntos principais são estes: O romantismo em Espanha; A doutrina do progresso; A natureza e o carácter da novela em Espanha e em Portugal; A poesia popular. 5 ptas.

«REVISTA DEL ATENEO», «INDICE DE LIBROS» E OUTRAS PUBLICAÇÕES

Apresenta-se bem cuidada graficamente e com boa colaboração a *Revista del Ateneo*, que é editada em Jerez de la Frontera. Um dos seus últimos cadernos insere uma impressão de D. Eugenio d'Ors sobre Goya, o assombroso pintor aragonês.

Índice de Libros é uma revista mensal de bibliografia, que há pouco iniciou a publicação em Madrid e em cujas páginas se encontra um registro fiel do movimento literário espanhol. Cada uma das suas notas inclui sempre as características do livro respectivo. Os n.ºs 2-6, relativos a Julho e Agosto últimos, da interessante revista, falam também da próxima Festa do Livro em Espanha, entre cujos números do programa está uma Exposição não só de obras impressas como de autógrafos. *Índice de Libros*, que tem a sede em Madrid (Trado, 13) envia um exemplar grátis a quem lho peça.

Le Livre é uma publicação do mesmo género da anterior e também mensal, com a diferença, porém, de ser francesa. A sua informação é boa, inserindo, além de recentes bibliográficas, sugestivos trechos dos melhores livros aparecidos.

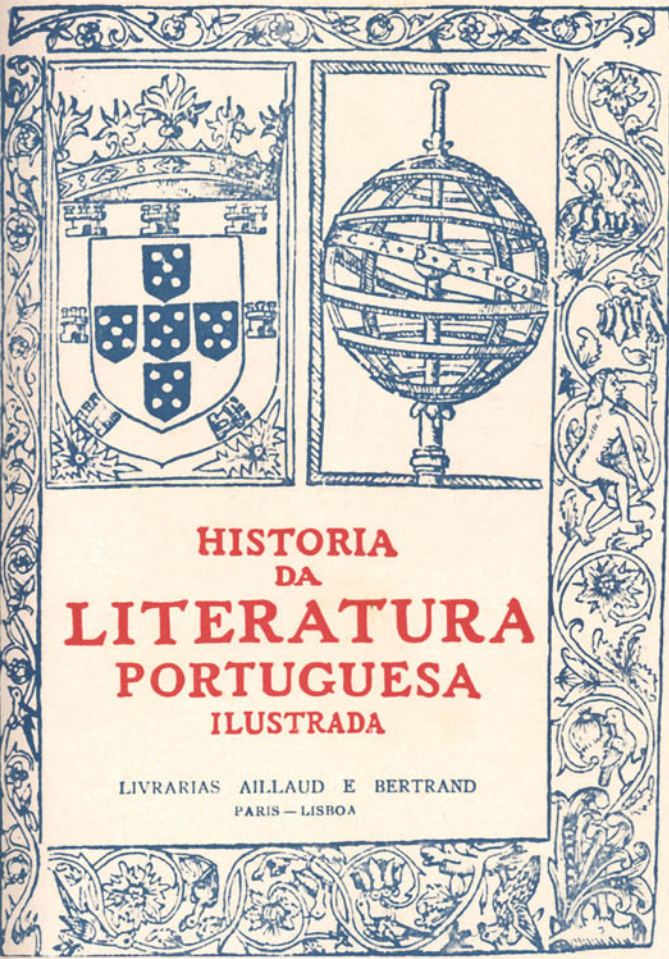
As livrarias ALLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações ás consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Annual		Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAHHA	47\$00	92\$00
Registados	24\$40	47\$80	93\$60	Registados	51\$80	101\$60
ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	49\$00	96\$00	192\$00	BRASIL	52\$00	102\$00
Registados	53\$80	105\$60	208\$00	Registados	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR	53\$00	104\$00	204\$00	ESTRANGEIRO	63\$00	124\$00
Registados	57\$80	113\$60	224\$00	Registados	72\$60	143\$00

NÚMERO AVULSO 4\$00

TATA, «chapeliers en vogue», Rua de S. Nicolau, serão triunfadores no Salão da «Voga»



**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

BOLETIM DE ASSINATURA

*Desejo assinar a HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA por.....
.....(3 meses, 6 meses, 1 ano ou receber pelo correio contra reembolso, conforme assinatura especial abaixo indicada).*

NOME

MORADA

Lisboa, de de 192...

ASSINATURA

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS:
Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (#6 para o continente e ilhas) **11\$50**

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	39\$00	59\$00	118\$00

	REGISTADO		
ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR.....	36\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAÍLO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da História da Colonização do Brasil.
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instituição Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camponeses na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JULIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUIS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GATO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academias das Ciências de Lisboa.
MOSES HENSHAT AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais **HORS TEXTE**, a cores.

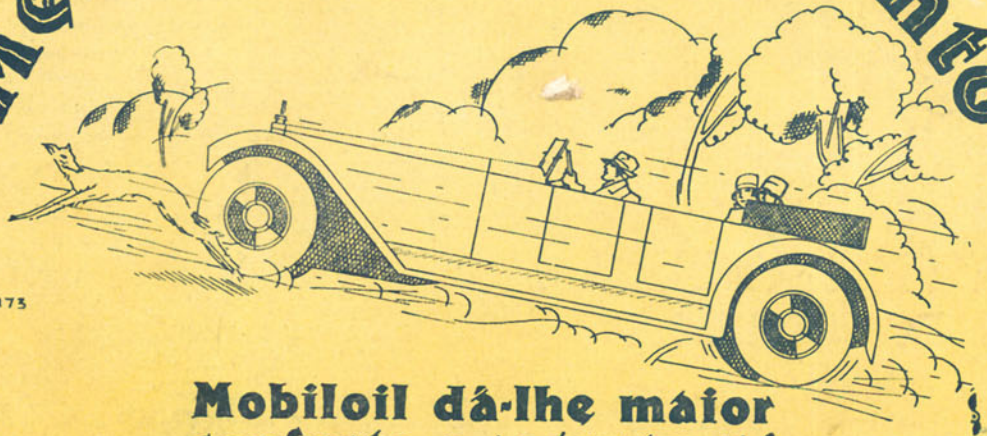
CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

**Melhor Funcionamento
do seu carro!**



173

**Mobiloil dá-lhe maior
conforto e segurança!
Mobiloil diminui a des-
peza de sustento do seu
carro e prolonga-lhe a
duração!**

Mobiloil é o mais perfeito dos lubrificantes até hoje fabricados para automóveis — usado e recomendado em todo o mundo desde o início do automobilismo.

Mobiloil é vendido em latas seladas (quasi ao preço do óleo a granel) e por isso livre de quaisquer impurezas quando entra no motor do seu carro.

Além disto, todos os carros que se fabricam no mundo — o seu carro — também

são cuidadosamente estudados pelos nossos engenheiros especialistas, em colaboração com os fabricantes, para determinar o óleo apropriado a todas as condições de funcionamento. O tipo de Mobiloil necessário para o seu carro, encontra-se á venda nas boas garages em barris, em latas de 17 kg e em bidons selados de 1 galão americano (3,8).

92% dos construtores americanos aprovam o emprego de Gargoyle Mobiloil.



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações

REFINARIAS:
BAYONNE (N. 1)
PAULSBORO (N. 1)

REFINARIAS:
OLEAN (N. Y.)
ROCHESTER (N. Y.)

Vacuum Oil Company